



revista adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

Semana de Oração e Gratidão

(3 a 10 de Novembro de 1979)

Mensagem dos Dirigentes da Conferência Geral

O TEMA para a Semana de Oração de 1979 é «O Senhor no Seu Santuário». A grande aspiração do salmista era: «Ver a Tua fortaleza e a Tua glória, como Te vi no santuário» (Sal. 63:2).

Esperamos que pelo poder do Espírito Santo obtenhamos uma nova compreensão do que significa a expiação ao contemplarmos nosso Senhor no santuário. Nossos espíritos serão humilhados e nossos corações de pedra serão quebrantados ao vermos o sanguinolento Substituto. Compreenderemos de novo o infinito amor de Deus pelos pobres, falíveis, relapsos, miseráveis e pecaminosos filhos dos homens. A fim de nos prepararmos para as bênçãos desta semana, os dirigentes mundiais da nossa igreja convidam-nos a ler com atenção e oração as comunicações da Semana de Oração, a discuti-las, a meditá-las, e em seguida a fazer, de joelhos, a necessária preparação, pela graça de Deus, para a vinda de nosso Senhor.

«O grande plano da redenção, conforme revelado na obra final para estes últimos dias, deve ser cuidadosamente estudado. As cenas relacionadas com o santuário celestial devem de tal modo impressionar o espírito e o coração de todos, que estes sejam capazes de impressionar também a outros. Todos precisam compreender melhor a obra da expiação

que está sendo efectuada no santuário celeste. Quando essa importante verdade for reconhecida e compreendida, os que a abraçaram trabalharão de acordo com Cristo, a fim de preparar um povo que esteja em pé no grande dia de Deus e seus esforços serão bem sucedidos.» — *Testemunhos Selectos*, vol. I, págs. 219, 220.

O grande Dia da Expição antitípico no santuário celeste está-se apressando. A conclusão da obra de nosso Sumo Sacerdote é de consequências eternas para cada um de nós. Quando a obra de amor e misericórdia terminar, nosso Substituto virá do Lugar Santíssimo a esta terra. Estareis vós e eu preparados quando sair o final e irrevogável *fiat*: «Quem é injusto, faça injustiça ainda; quem está sujo, suje-se ainda; e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo, seja santificado ainda. E, eis que cedo venho, e o Meu galardão está comigo, para dar a cada um segundo a sua obra» (Apoc. 22:11, 12)?

Que Deus nos ajude durante esta Semana de Oração a ver Jesus em Seu santuário. Lançemos os nossos pecados sobre nosso maravilhoso Substituto e pela Sua graça e pela fé na Sua justiça façamos a necessária preparação para estarmos prontos quando Ele vier.

«A si mesmos se deram primeiramente ao Senhor»

2 Cor. 8:5

Prezados irmãos e irmãs, prezados colaboradores:

Paulo põe em evidência perante os Coríntios a generosidade alegre e exemplar da igreja da Macedónia. Para evitar mal-entendidos, o apóstolo mostra desde logo onde se origina a generosidade espontânea e surpreendente destes crentes: «Irmãos, vos fazemos conhecer a graça de Deus dada às igrejas da Macedónia» (vers. 1).

Quando os homens deixam actuar em si a graça de Deus, permitindo-Lhe que ocupe todo o lugar em seus corações, ocorrem coisas maravilhosas e singulares. A acção da graça divina não depende de circunstâncias e de factos exteriores mas, pelo contrário, de disposições interiores, espirituais, do coração humano abandonando-se à Sua influência. O exemplo dos crentes da Macedónia é disso a melhor evidência: «Em muita prova de tribulação» (vers. 2).

Aos olhos humanos, as tribulações e as provas constituem um terreno desfavorável para o dom desinteressado e para a alegre renúncia de si mesmo. Mas é precisamente nesta situação aparentemente desesperada que os Macedónios reagiram de maneira a desafiar todo o raciocínio humano: «Houve abundância do seu gozo... e a sua profunda pobreza abundou em riquezas da sua generosidade» (vers. 2).

Nos versículos 3 e 4, Paulo continua: «Segundo o seu poder (o que eu mesmo testifico), e ainda acima do seu poder, deram voluntariamente, pedindo-nos com muitos rogos a graça e a comunicação deste serviço, que se fazia para com os santos.»

Grandes tribulações e todavia abundante gozo, profunda pobreza e todavia rica generosidade—esse não é o comportamento do «homem natural».

A entrega de si mesmo a Deus precede a verdadeira oferta

Eis o segredo do espírito de sacrifício cristão e da generosidade. Os crentes da Macedónia deram-se a si mesmos primeiramente ao Senhor... Tomo a liberdade de me dirigir aqui de uma maneira particular a todos os ministros, corportores e empregados da denominação. Na nossa qualidade de pastores do rebanho do Senhor, aplicamos sempre este princípio em nosso ministério e na vida das igrejas? Que motivação damos ao nosso serviço como ministros, empregados da Obra e detentores de responsabilidades? Que exemplo oferecemos aos nossos membros de igreja?

Uma declaração da serva do Senhor me perturba profundamente e não me deixa repousar: «Raramente o povo se eleva acima do ministro que o dirige. Havendo nele um espírito amante do mundo, isso exerce uma tremenda influência sobre os outros. O povo faz das deficiências dele uma desculpa para cobrir seu próprio espírito mundano. Sossegam a consciência, pensando que podem ter liberdade de amar as coisas desta vida, e ser indiferentes às espirituais, porquanto os ministros são assim. Enganam sua própria alma, e permanecem amigos do mundo, o que o apóstolo declara ser 'inimizade contra Deus'. Rom. 8:7. Os ministros devem ser exemplos para o rebanho. Devem manifestar um inextinguível amor pelas almas, e à causa a mesma devoção que desejam ver no povo.» — *Obreiros Evangélicos*, págs. 338, 339.

Não nos revelam estas palavras inspiradas a grande responsabilidade que repousa sobre nossos ombros?

«Vós sois a nossa carta, ... conhecida e lida por todos os homens» (2 Cor. 3:2).

A igreja reflecte a imagem do pregador. M. Basilea Schlink é o autor do seguinte pensamento: «Em teu ministério, não podes levar as almas, sob o ponto de vista espiritual, senão até ao nível preciso em que tu mesmo te encontras. Onde te encontras tu?»

Dentro de algumas semanas — de 3 a 10 de Novembro — terá lugar para o povo adventista do mundo inteiro a Semana de Oração e Gratidão. Perante nós se apresenta uma obra inacabada, e ela deve ser terminada. Cerca de 3 200 000 de Adventistas do Sétimo Dia têm de anunciar a última mensagem de Deus a mais de 4 biliões de habitantes que povoam o nosso planeta. Como se irá realizar esta esmagadora tarefa? Será possível encontrar os meios financeiros necessários para esse efeito? Em relação com isso, penso involuntariamente na multiplicação dos pães no deserto, tal

(Continua na pág. 6)

SUMÁRIO

Redenção e Restauração
A razão de ser do Santuário
Os pecados quotidianos
A sombra da cruz
Uma obra solene, um tempo solene
Cristo nossa Páscoa
Cristo como Sacerdote e Rei
Nosso Sumo Sacerdote volta à Terra como Rei

revista
adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

Publicação mensal

OUTUBRO 1979

ANO XL

N.º 397

Director: ERNESTO FERREIRA

Administrador:

JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÂNTICO

Redacção:

R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17

LISBOA

Administração:

Rua Salvador Allende, lote 18, 1.º

Telefone 251 08 44

2686 SACAVÉM CODEX

Composto e impresso na

TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.

Alam. D. Af. Henriques, 1 - C — Lisboa

Preços:

Assinatura Anual 80\$00

Número avulso 8\$00

ESTRANGEIRO: além do preço de assinatura, os portes são a cargo do assinante.

REDENÇÃO E RESTAURAÇÃO

«As ofertas sacrificais foram ordenadas por Deus a fim de serem para o homem uma perpétua lembrança do seu pecado, um reconhecimento de arrependimento do mesmo, bem como seriam uma confissão de sua fé no Redentor prometido.»

Por ELLEN G. WHITE

«Pela palavra do Senhor foram feitos os céus, e todo o exército deles pelo Espírito da Sua boca». «Porque falou, e logo tudo se fez; mandou, e logo tudo apareceu.» Salmo 33: 6, 9. «Lançou os fundamentos da terra, para que não vacile em tempo algum.» Salmo 104:5.

Depois que a terra com sua abundante vida animal e vegetal fora suscitada à existência, o homem, a obra coroadora do Criador, e aquele para quem a linda terra fora preparada, foi trazido em cena. (1)

O homem deveria ter a imagem de Deus, tanto na aparência exterior como no carácter. Cristo somente é a «expressa imagem» do Pai (Hebreus 1:3); mas o homem foi formado à semelhança de Deus. Sua natureza estava em harmonia com a vontade de Deus. A mente era capaz de compreender as coisas divinas. As afeições eram puras; os apetites e paixões estavam sob o domínio da razão. Ele era santo e feliz, tendo a imagem de Deus, e estando em perfeita obediência à Sua vontade. (2)

«E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, da banda do oriente; e pôs ali o homem que tinha formado.» Gén. 2:8. Tudo o que Deus havia feito era a perfeição da beleza, e nada parecia faltar do que pudesse contribuir para a felicidade do santo par; deu-lhes, contudo, o Criador ainda outra demonstração de Seu amor, preparando um jardim especialmente para ser o seu lar. (3) Todas as coisas amáveis e atractivas eram para sua alegria e tudo parecia sabiamente adaptado aos seus desejos; e o que estimavam acima de todas as outras bênçãos, era a associação com o Filho de Deus e com os anjos celestiais. (4)

O santo par não eram apenas filhos sob o cuidado paternal de Deus, mas estudantes a receberem instrução do Criador todo-sabedoria. ... A ordem e harmonia da criação falavam-lhes da sabedoria e poder infinitos. Estavam sempre a descobrir alguma atracção que lhes enchia o coração de mais profundo amor e provocava novas expressões de gratidão.

Enquanto permanecessem fiéis à lei divina, sua capacidade para saber, gozar e amar

aumentaria continuamente. Estariam constantemente a adquirir novos tesouros de saber, a descobrir novas fontes de felicidade e a obter concepções cada vez mais claras do incomensurável, infalível amor de Deus. (5)

O tentador entra no paraíso

Nossos primeiros pais, se bem que criados inocentes e santos, não foram colocados fora da possibilidade de praticar o mal. Deus os fez como entidades morais livres, capazes de apreciar a sabedoria e benignidade de Seu carácter, e a justiça de Suas ordens, e com ampla liberdade de prestar obediência ou recusá-la. Deviam gozar comunhão com Deus e com os santos anjos; antes, porém, que pudessem tornar-se eternamente livres de perigo, devia ser provada sua fidelidade. (6)

A árvore da ciência tornara-se a prova da sua obediência e amor a Deus. O Senhor achara conveniente não lhes impor senão uma proibição quanto ao uso de tudo o que estava no jardim; mas, se desatendessem a Sua vontade neste particular, incorreriam na culpa de transgressão. Satanás não os acompanharia com tentações contínuas; poderia ter acesso a eles unicamente junto à árvore proibida. Se eles tentassem investigar a natureza da mesma, estariam expostos aos seus ardis. Foram admoestados a dar cuidadosa atenção à advertência que Deus lhes enviara, e a estar contentes com as instruções que Ele achara conveniente comunicar-lhes. (7)

Satanás fez parecer ao santo par que eles ganhariam, violando a lei de Deus. Não ouvimos hoje idêntico raciocínio? Muitos falam da estreiteza daqueles que obedecem aos mandamentos de Deus, enquanto afirmam ter ideias mais amplas e gozar de maior liberdade. O que é isto senão um eco da voz do Éden: «No dia em que dele comerdes», isto é, transgredirdes a ordem divina, «sereis como Deus»? (Gén. 3:5.) (8)

Depois da sua transgressão, Adão a princípio imaginou-se a entrar para uma condição mais elevada de existência. Mas logo o pensamento do seu pecado o encheu de terror. O ar que até ali havia sido de uma temperatura amena e uniforme parecia resfriar o culposo par. Desapareceram o amor e paz que haviam gozado, e em seu lugar experimentavam uma intuição de pecado, um terror pelo futuro, uma nudez de alma. A veste de luz que os rodeara agora desapareceu; e para suprir sua falta procuraram fazer para si uma cobertura, pois enquanto estivessem nus não podiam

enfrentar o olhar de Deus e dos santos anjos. ...

Satanás exultou com o seu êxito. Tinha tentado a mulher a desconfiar do amor de Deus, a duvidar da Sua sabedoria e a transgredir a Sua lei e, por meio dela, ocasionara a derrota de Adão.

Entretanto, o grande Legislador estava para tornar conhecidas a Adão e Eva as consequências da sua transgressão. Manifestou-se no jardim a presença divina. Em sua inocência e santidade, eles tinham alegremente recebido a aproximação do seu Criador; mas agora fugiram aterrorizados, e procuraram esconder-se nos mais profundos recessos do jardim. Mas «chamou o Senhor Deus Adão, e disse-lhe: Onde estás? E ele disse: Ouvi a Tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me. E Deus disse: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste tu da árvore de que te ordenei que não comesses?» (Gén. 3:9-11).⁽⁹⁾

Julgamento e sentença

A advertência feita a nossos primeiros pais — «No dia em que dela comeres, certamente morrerás» (Gén. 2:17) — não implicava que deveriam morrer no próprio dia em que participassem do fruto proibido. Mas naquele dia a irrevogável sentença seria pronunciada. A imortalidade tinha-lhes sido prometida sob condição de obediência; pela transgressão despojar-se-iam da vida eterna. Naquele mesmo dia estariam condenados à morte.⁽¹⁰⁾

Adão não podia negar nem desculpar o seu pecado; mas, em vez de manifestar arrependimento, esforçou-se por lançar a culpa sobre a esposa, e assim sobre o próprio Deus: «A mulher que me *deste* por companheira, ela me deu da árvore, e eu comi.» (Gén. 3:12). Aquele que, por amor a Eva, havia deliberadamente preferido perder a aprovação de Deus, o seu lar no Paraíso e uma vida eterna de alegria, podia, agora, depois da sua queda, procurar tornar sua companheira, e mesmo o próprio Criador, responsável pela transgressão. Tão terrível é o poder do pecado.

Quando foi interrogado à mulher: «Por que fizeste isto?» ela respondeu: «A serpente me enganou, e eu comi.» (Gén. 3:13). «Por que criaste a serpente? Por que lhe permitiste entrar no Éden?» — tais eram as perguntas envolvidas em sua desculpa apresentada pelo pecado. Assim como fizera Adão, lançou sobre Deus a responsabilidade de sua queda. O espírito de justificação própria originou-se com o pai da mentira; foi alimentado por nossos primeiros pais logo que se renderam à influência de Satanás, e tem sido apresentado por todos os filhos e filhas de Adão. Em vez de humildemente confessarem os pecados, procuram escudar-se lançando a culpa sobre outros, sobre as circunstâncias, ou sobre Deus, fazendo mesmo de Suas bênçãos um motivo para murmuração contra Ele.

O Senhor então pronunciou sentença sobre a serpente: «Porquanto fizeste isto, maldita serás mais que toda a besta, e mais que todos os animais do campo: sobre o teu ventre andarás, e pó comerás todos os dias da tua vida». (Gén. 3:14). ... As palavras dirigidas em seguida à serpente aplicam-se directamente ao próprio Satanás, indicando de antemão sua final derrota e destruição: «Porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar». (Gén. 3:15).

O pecado trouxe consigo discórdia

Referiram-se a Eva a tristeza e a dor que deveriam dali em diante ser o seu quinhão. E disse o Senhor: «O teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará». (Gén. 3:16). Na criação Deus a fizera igual a Adão. Se houvessem permanecido obedientes a Deus — em harmonia com Sua grande lei de amor — sempre estariam em harmonia um com o outro; mas o pecado trouxera a discórdia, e agora poderia manter-se a sua união e conservar-se a harmonia unicamente pela submissão por parte de um ou de outro.⁽¹¹⁾

A Adão disse o Senhor: «Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela: maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. Espinhos, e cardos também, te produzirá; e comerás a erva do campo. No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado: porquanto és pó, e em pó te tornarás». (Gén. 3:17-19).⁽¹²⁾

O Filho de Deus, o glorioso Comandante do Céu, ficou tocado de piedade pela raça decaída. Seu coração moveu-se de infinita compaixão ao erguerem-se diante d'Ele os ais do mundo perdido. Entretanto o amor divino havia concebido um plano pelo qual o homem poderia ser remido. A lei de Deus, quebrantada, exigia a vida do pecador. Em todo o universo não havia senão um Ser que, em favor do homem, poderia satisfazer as suas reivindicações. Visto que a lei divina é tão sagrada como o próprio Deus, unicamente um Ser igual a Deus poderia fazer expiação por sua transgressão. Ninguém, a não ser Cristo, poderia redimir da maldição da lei o homem decaído, e levá-lo novamente à harmonia com o Céu.⁽¹³⁾

Deus ia ser manifesto em Cristo, «reconciliando consigo o mundo». 2 Cor. 5:19. O homem tornara-se tão degradado pelo pecado que lhe era impossível, por si mesmo, pôr-se em harmonia com Aquele cuja natureza é pureza e bondade. Mas Cristo, depois de ter remido o homem da condenação da lei, poderia comunicar força divina para se unir com o esforço humano. Assim, pelo arrependimento para com Deus e fé em Cristo, os caídos filhos

de Adão poderiam mais uma vez tornar-se «filhos de Deus». 1 João 3:2. ⁽¹⁴⁾

Para o homem, a primeira indicação de redenção foi dada na sentença pronunciada sobre Satanás, no jardim. ... Esta sentença, proferida aos ouvidos de nossos primeiros pais, foi para eles uma promessa. Ao mesmo tempo em que predizia guerra entre o homem e Satanás, declarava que o poder do grande adversário finalmente seria quebrado. ... Posto que devessem sofrer pelo poder de seu forte adversário, poderiam olhar no futuro para a vitória final. ⁽¹⁵⁾

Deus declara: «Porei inimizade». Esta inimizade é posta sobrenaturalmente, e não é mantida naturalmente. Quando o homem pecou, a sua natureza tornou-se má, e ele ficou em harmonia, e não em desacordo, com Satanás. O altivo usurpador, tendo conseguido seduzir os nossos primeiros pais como tinha seduzido os anjos, contou obter a sua aliança e cooperação em todos os seus empreendimentos contra o governo do Céu. Não havia inimizade entre ele próprio e os anjos caídos. ... Mas quando Satanás ouviu que a semente da mulher esmagaria a cabeça da serpente, ficou a saber que, embora tivesse conseguido depravar a natureza humana e assemelhá-la à sua própria, no entanto, por um processo misterioso, Deus voltaria a dar ao homem o seu perdido poder e o habilitaria para resistir e vencer o seu conquistador.

É a graça que Cristo implanta na alma que cria a inimizade contra Satanás. Sem esta graça, o homem continuaria cativo de Satanás, um servo sempre pronto para cumprir as suas ordens. O novo princípio na alma cria conflito onde até então tinha havido paz. O poder outorgado por Cristo habilita o homem para resistir ao tirano e usurpador. ⁽¹⁶⁾

Os sacrifícios requeriam a manifestação de fé

Depois da queda do homem, porém, santos anjos foram imediatamente comissionados para guardarem a árvore da vida. Em redor desses anjos chamejavam raios de luz, tendo a aparência de uma espada inflamada. A nenhum da família de Adão foi permitido passar aquela barreira para participar do fruto doador de vida. ⁽¹⁷⁾

Depois do seu pecado, Adão e Eva não mais deviam habitar no Éden. ... Com humildade e indizível tristeza despediram-se do seu belo lar, e saíram para habitar na terra, onde repousava a maldição do pecado. ⁽¹⁸⁾

Na porta do Paraíso, guardada pelos querubins, revelava-se a glória de Deus, e para ali vinham os primeiros adoradores. Ali erguiam os seus altares, e apresentavam suas ofertas. ⁽¹⁹⁾

As ofertas sacrificais foram ordenadas por Deus a fim de serem para o homem uma perpétua lembrança do seu pecado, e um reco-

nhecimento de arrependimento do mesmo, bem como seriam uma confissão de sua fé no Redentor prometido. Destinavam-se a impressionar a raça decaída com a solene verdade de que foi o pecado que causou a morte. Para Adão, a oferta do primeiro sacrifício foi uma cerimónia dolorosíssima. Sua mão deveria erguer-se para tirar a vida, a qual unicamente Deus podia dar. Foi a primeira vez que testemunhava a morte, e sabia que se ele tivesse sido obediente a Deus não teria havido morte de homem ou animal. Ao matar a inocente vítima, tremeu com o pensamento de que seu pecado deveria derramar o sangue do imaculado Cordeiro de Deus. Esta cena deu-lhe uma intuição mais profunda e vívida da grandeza de sua transgressão, que coisa alguma a não ser a morte do amado Filho de Deus poderia expiar. E maravilhou-se com a bondade infinita que daria tal resgate para salvar o culpado. Uma estrela de esperança iluminou o futuro tenebroso e terrível, e o aliviou de sua desolação total.

A redenção inclui restauração

Mas o plano da redenção tinha um propósito ainda mais vasto e profundo do que a salvação do homem. Não foi para isto apenas que Cristo veio à Terra; não foi simplesmente para que os habitantes deste pequeno mundo pudessem considerar a lei de Deus como ela devia ser considerada; mas foi para reivindicar o carácter de Deus perante o universo. Para este resultado de Seu grande sacrifício, ou seja, a influência do mesmo sobre os entes de outros mundos, bem como sobre o homem, olhou antecipadamente o Salvador quando precisamente antes de Sua crucifixão disse: «Agora é o juízo deste mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo. E Eu, quando for levantado da Terra, todos atrairei a Mim.» João 12:31, 32. O acto de Cristo, ao morrer pela salvação do homem, não somente tornaria o Céu acessível à humanidade, mas perante todo o universo justificaria a Deus e Seu Filho, em Seu trato com a rebelião de Satanás. Estabeleceria a perpetuidade da lei de Deus, e revelaria a natureza e os resultados do pecado. ⁽²⁰⁾

Foi ordenado a Adão que ensinasse aos seus descendentes o temor do Senhor e, por seu exemplo e humilde obediência, os ensinasse a considerar altamente as ofertas que tipificavam um Salvador vindouro. Adão entesourou cuidadosamente o que Deus lhe tinha revelado, e transmitiu-o oralmente aos seus filhos e aos filhos dos seus filhos. ⁽²¹⁾

Quando o homem se tornou cativo de Satanás, o domínio que exercera passou para o seu vencedor. Assim Satanás se tornou o «deus deste século». 2 Cor. 4:4. Ele usurpou aquele domínio sobre a terra, que originalmente fora dado a Adão. Cristo, porém, pagando pelo Seu sacrifício a pena do pecado, não somente re-

miria o homem mas restabeleceria o domínio que ele perdera. Tudo o que foi perdido pelo primeiro Adão será restaurado pelo segundo. Diz o profeta: «E a Ti, ó Torre do rebanho, monte da filha de Sião, a Ti virá; sim, a Ti virá o primeiro domínio». Miq. 4:8. E o apóstolo Paulo aponta para a «redenção da possessão de Deus». Efés. 1:14. ⁽²²⁾

Podemos esperar grandes coisas de Deus. Não é como se... Jesus tivesse relutância em salvar. A cruz do Calvário expressa a Sua avaliação do valor da alma, e o Seu amor pela raça caída. Ele inclina-Se para o homem comprado por Seu sangue, perguntando-lhe com inexprimível ternura, compaixão e amor: «Queres ficar são?» (João 5:6). Convida-o: «Vem a Mim, e sê salvo. Eu levei sobre Mim as tuas iniquidades; pelas Minhas pisaduras, podes ser curado». Ele está mais disposto a dar o Espírito Santo aos que o pedem do que os pais a dar boas dádivas aos seus filhos. Mas devemos esvaziar da iniquidade os nossos corações. Ele nunca Se nos revelará como um Salvador perdoador do pecado até que sintamos que sem Ele estamos irremediavelmente perdidos, que viver no pecado é miséria, desespero e morte. Jesus, precioso Redentor! Não podeis confiar n'Ele em demasia nem cedo demais. ⁽²³⁾

Referências

- (1) *Patriarcas e Profetas*, pág. 27.
- (2) *Ibid.*, pág. 28.
- (3) *Ibid.*, pág. 30.
- (4) *História da Redenção*, pág. 29.
- (5) *Patriarcas e Profetas*, págs. 34, 35.
- (6) *Ibid.*, pág. 32.
- (7) *Ibid.*, pág. 45.
- (8) *Ibid.*, pág. 47.
- (9) *Ibid.*, págs. 49-51.
- (10) *Ibid.*, pág. 51.
- (11) *Ibid.*, págs. 51, 52.
- (12) *Ibid.*, pág. 53.
- (13) *Ibid.*, pág. 57.
- (14) *Ibid.*, pág. 58.
- (15) *Ibid.*, pág. 61.
- (16) *Review and Herald*, 18 de Julho de 1882.
- (17) *Patriarcas e Profetas*, pág. 54.
- (18) *Ibid.*, págs. 55, 56.
- (19) *Ibid.*, pág. 80.
- (20) *Ibid.*, pág. 64.
- (21) *Spirit of Prophecy*, vol. 1, pág. 59.
- (22) *Patriarcas e Profetas*, págs. 62, 63.
- (23) *Review and Herald*, 27 de Maio de 1884.

Perguntas para discussão

1. Porque só um Ser igual a Deus podia fazer expiação pela transgressão da lei divina?
2. Que significado teve para Satanás a declaração de Génesis 3:15? E para Adão e Eva?
3. Que desculpas ou justificações próprias apresentam as pessoas para o pecado?
4. Quais eram os objectivos do sistema de sacrifícios?
5. Por que razões foi o primeiro sacrifício oferecido por Adão uma «penosa cerimónia»?

6. Quais são os propósitos do plano da redenção?

7. Que privilégios perdidos por Adão e Eva quando pecaram são restaurados por Cristo através da Sua redenção?

8. É o caminho de Deus demasiado estreito para poder ser hoje seguido?

«A si mesmos se deram»

(Continuação da pág. 2)

como nos é relatada no Evangelho de Mateus, capítulo 14:15-21. Situação desesperada, igualmente. Milhares de pessoas famintas num lugar deserto, a uma hora avançada. Jesus deu esta ordem ao punhado de discípulos presentes: «Dai-lhes vós de comer».

Que desafio! Não é comparável à sua, a nossa situação? Compreende-se a resposta dos discípulos: «Não temos aqui senão cinco pães e dois peixes».

Não se passa o mesmo connosco? A impotência humana não deve, porém, retardar o plano e os desígnios de Deus. É importante observar que, apesar da compreensível objecção de Seus discípulos, o Mestre da vida não retratou a Sua ordem: «Dai-lhes vós de comer». Ele mostra-lhes, pelo contrário, a solução do problema: «Trazei-mos aqui».

Este convite de Jesus constitui um apelo a uma entrega total e a uma verdadeira consagração a Deus. Que isso se realize, e logo se manifestam fenómenos poderosos, o céu põe-se em movimento, a terra é iluminada com a Luz celeste. Subitamente cinco pães e dois peixes bastam, então, para saciar, e mais do que isso, a milhares de pessoas. Sopra, então, um vento tempestuoso, línguas de fogo aparecem como uma revelação do Espírito Santo, homens e mulheres são cheios desse poder divino, e abalam com a mensagem cristã o mundo em que vivem. Então, um humilde grupo de indivíduos profundamente crentes, em meados do século XIX, cresce até se tornar um movimento missionário mundial que clama com voz forte à nossa geração: «O Senhor vem».

No livro do profeta Zacarias é dito no capítulo 4, versículo 6: «Não por força nem por violência, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor dos exércitos».

A que experiência nos conduzirá a Semana de Oração que está à nossa frente? Somos incapazes, por nossa imaginação, de compreender o que Deus está disposto a realizar em nosso favor se a Ele nos dermos inteiramente e sem reservas, e se nos consagrarmos ao Seu serviço. Não deveria ser esse o nosso objectivo supremo nesta Semana de Oração?

«Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional» (Rom. 12:1).

No último Sábado desta semana será dirigido um apelo a todos os crentes adventistas para apresentar ao Senhor uma oferta especial, como expressão da sua gratidão, da entrega de si mesmos e da sua consagração. Sem a dádiva total de si mesmo a Deus, é impossível dar verdadeiramente. Os crentes da Macedónia deram-se primeiramente a si mesmos ao Senhor e dessa dádiva brotaram sua generosidade e sua dedicação ao serviço. Não deveria a mesma experiência tornar-se nossa nesta Semana de Oração?

Só pode dar quem ama

Deus *amou* o mundo e devido a esse amor Ele *deu* o Seu Filho unigénito. Amar e dar vão juntos.

(Continua na pág. 24)

A RAZÃO DE SER DO SANTUÁRIO

Se alguma coisa podemos aprender do santuário é consagração interior, religião interior, dependência total do sacrifício e da intercessão do Sumo Sacerdote.

Por A. N. DUFFY

Deus disse a Moisés quando se encontrou com ele no Sinai: «E me farão um santuário e habitarei no meio deles» (Ex. 25:8).

Poderemos nós imaginar o grandioso e santo Deus «a quem os Céus não podem conter», buscando entrar no acampamento de Israel, para ter a Sua tenda no meio das tendas deles, para partilhar da sua sorte na aridez das terras desérticas, para seguir com eles ao longo de todo o caminho de Canaã!

Ele não se lhes revelou como um Deus distante e inacessível, «cujá morada não é com a carne» (Dan. 2:11), mas como alguém que estaria junto deles em qualquer momento. Ele seria seu Deus, assim como eles deviam ser o Seu povo. Não foi por qualquer mérito de Israel que Deus manifestou o Seu amor para com eles. Na realidade eles eram indignos, ímpios e irresponsáveis. Desde que tinham deixado o Egito, haviam sempre murmurado contra Deus. Mesmo agora, enquanto Ele estava no monte instruindo Moisés como devia conduzir o povo, na planície o povo adorava o bezerro de ouro.

Ainda poucos dias antes eles tinham feito um concerto solene com Deus, prometendo obedecer-Lhe. Os seus corações tinham tremido de profundo respeito quando com voz de trovão Ele pronunciou os Seus mandamentos no cimo da montanha. Eles ouviram-no dizer: «Eu sou o Senhor teu Deus que te tirei da terra do Egito... Não terás outros deuses diante de Mim. Não farás para ti imagens de escultura...» (Ex. 20:2-4).

Contudo, pouco tempo depois, eles traíram o concerto prestando culto a um ídolo. Enquanto dançavam à volta do bezerro de ouro gritavam exultando, «Estes são os teus deuses, ó Israel, que te tiraram da terra do Egito» (cap. 32:8).

Deus não passou por alto uma tal transgressão. Ele enfureceu-se contra o povo (ver vrs. 9, 10).

Mas, segundo um frequente paradoxo da Escritura, nós vemos de um lado o povo sepa-

rando-se de Deus, do outro a proposta da construção de um santuário no meio deles, um convite a uma comunhão íntima com Deus. Mas à luz do Calvário não existe paradoxo, porque, não veio Cristo para salvar pecadores — não veio porque os habitantes terrestres eram pecadores, e, «enquanto pecadores» morrer por eles?

Uma das primeiras lições do plano do santuário no meio do povo é a vinda de um amoroso Deus-Salvador para habitar no tabernáculo terrestre com o homem pecador. Ellen White diz: «Assim Cristo estabeleceu o Seu tabernáculo no meio do nosso acampamento humano. Estendeu a Sua tenda ao lado dos homens, para que pudesse viver entre nós, e tornar-nos familiares com o Seu carácter e vida divinos. «O Verbo se fez carne e habitou entre nós...» — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 16.

Maravilhoso pensamento, Ele era «Deus conosco», o Criador morando com as Suas criaturas (S. Mat. 1:23; cf. S. João 1:14).

O preço do perdão

O santuário simboliza não somente Cristo vivendo entre os homens, mas mais importante ainda, Cristo morrendo pelos homens. O santuário era uma casa de sacrifício e ao mesmo tempo uma casa de glória.

Os israelitas foram impressivamente ensinados que o pecado podia ser perdoado somente através do derramamento de sangue de um substituto inocente. «...e sem derramamento de sangue não há remissão» (Heb. 9:22). «...porquanto é o sangue que fará a expiação pela alma» (Lev. 17:11). O sangue do sacrifício era ministrado de diferentes modos. Nós temos Deus no Seu santuário com o sangue sempre na Sua presença, interpondo-se entre a Sua santa lei e os filhos de Israel, tipificando que a salvação podia ser comprada somente pelo alto preço do sangue imaculado do Filho de Deus. Já alguma vez pensaram no grandioso valor dos sacrifícios de Israel? Os livros de Levítico e Números mencionam cerca de 50 tipos de sacrifícios. (Ver *SDA Bible Dictionary*, págs. 939-943). Alguns eram repetidos muitas vezes durante o dia. Indivíduos vinham constantemente com suas ofertas pela transgressão, ofertas pacíficas e sacrifícios pelo pecado. Cada manhã e cada tarde eram oferecidos sacrifícios no grandioso altar. Cada sacrifício implicava a vida de uma vítima inocente. Que enormidade de vidas e de valor não devem ter estado envolvidos em todos os sacrifícios

A. N. Duffy é secretário da Associação Ministerial da Divisão Australasiana.

oferecidos no santuário através dos séculos de história de Israel!

Pensem também no valor das ofertas e dizimos que eram entregues para a manutenção do santuário e no Sumo-Sacerdote e no seu trabalho de mediador. Estava aqui envolvido cerca de um quarto do rendimento nacional (ver *Patriarcas e Profetas*, pág. 527). O tempo e o trabalho da tribo de Levi era totalmente absorvido no serviço da expiação.

Contraste dos sacrifícios

O custo destes sacrifícios do Antigo Testamento não é nada comparado com o preço do sacrifício do verdadeiro Cordeiro de Deus. Impressionantes como eram aqueles milhares de ofertas, os tipos do santuário não podiam descrever adequadamente o sacrifício de Cristo. Os animais levados à morte não tinham ideia do que eles representavam, enquanto que Jesus «o Cordeiro morto desde a fundação do mundo» (Apoc. 13:8), compreendeu o significado do sacrifício do Calvário desde que o pecado contaminou a humanidade.

Desde a queda de Adão Ele esforçou-se por levar o coração dos homens a Deus e restabelecer neles a relação divino-humana. Apesar da incredulidade, quase total, da raça humana, Ele continuou a apegar-se à humanidade. Quando fez sair Israel do Egito, foi impellido a viver com eles, para suportar a sua incredulidade e rebelião e partilhar suas tristezas. Cristo era aquela «...pedra espiritual que os seguia» (I Cor. 10:4). «Em toda a angústia deles foi Ele angustiado, e o anjo da sua face os salvou; pelo seu amor, e pela sua compaixão ele os remiu; e os tomou, e os conduziu todos os dias da antiguidade» (Isa. 63:9). Depois, mais perto ainda, Ele tornou-se membro da família humana por nascimento para tomar a nossa natureza para sempre (*Mensagens Escolhidas*, vol. I, págs. 258). Belém significa que Ele não é somente um *connosco*, mas também *um de nós*. Poderemos nós compreender o significado que tem este sacrifício para o Filho de Deus?

Enfraquecido pela natureza humana, Ele sofria em Si próprio as mais profundas tristezas da humanidade. Ele conheceu as dificuldades da pobreza, a injustiça e as ciladas, os ferimentos e lamentos que afligem o espírito humano. Habitar com o pecado era uma tortura para Ele. Mas deixar o pecador entregue a si próprio era mais do que Ele podia suportar. Assim, quando chegou o tempo, Ele conduziu o Seu próprio sacrifício sobre o altar, Sua vida pela vida da humanidade caída.

Um sacerdote e um sacrifício

O santuário tipificava mais do que a habitação de Cristo entre os homens e Seu grande

sacrifício pela sua redenção. Existia ao mesmo tempo um serviço mediatório no santuário. Existia um Sumo-Sacerdote. O sacerdote tomava o sangue da vítima e com este fazia a expiação do pecado do pecador. Era deste modo que o pecador era libertado do seu pecado e podia sair livre para sua casa. Jesus Cristo é o nosso Sumo-Sacerdote, assim como também o nosso sacrifício. Ele é o representante da família humana no santuário celestial (aquilo que era apenas um símbolo no santuário terrestre) e Seus serviços sacerdotais são tão necessários como o Seu sacrifício. Por tal Ele morreu por nós, «E se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa fé, e ainda permanecemos nos vossos pecados». (I Cor. 15:17). «A intercessão de Jesus Cristo no santuário celestial, em prol do homem, é tão essencial ao plano da salvação, como foi a Sua morte sobre a cruz. Pela Sua morte iniciou essa obra, para cuja terminação ascendeu ao Céu, depois de ressuscitar». *O Grande Conflito*, pág. 392.

Como o Sumo-Sacerdote era a figura central na vida de Israel e na sua adoração, assim Jesus Cristo, nosso Sumo-Sacerdote, é o centro da nossa vida e adoração. Ele ministra por nós no santuário celestial, é o nosso advogado. Não podemos entrar ali do mesmo modo que os israelitas não podiam entrar no santuário terrestre, mas poderemos aproximar-nos de Deus através da fé em Jesus Cristo. Todas as nossas singelas petições são apresentadas pelo nosso advogado, Jesus Cristo, o justo. Em resposta todas as bênçãos de Deus vêm até nós por intermédio de Jesus Cristo. Através d'Ele recebemos o perdão dos nossos pecados, somos limpos das nossas injustiças e somos apresentados justos no dia do julgamento. Através d'Ele também recebemos poder para os tempos de dificuldades, poder para resistir à tentação e força para realizar a Sua vontade.

Nosso grande Sumo-Sacerdote é capaz de nos salvar, de nos guardar de cair, de nos apresentar sem culpa diante do trono de Deus. Quanto Ele deseja que entreguemos nossas vidas completamente nas Suas mãos, que abandonemos e confessemos os nossos pecados e vivamos vidas inteiramente consagradas.

Para ter uma correcta relação com Deus, é importante lembrarmos que o santuário era para os crentes — povo redimido — para os membros de igreja. O perdão dos pecados através de sacrifícios e recolhimento não apela meramente para o novo Israel redimido no Sinai, mas para Israel através de todo o caminho a percorrer para a Terra Prometida e para além desta, para a eternidade.

Cada dia de manhã e de tarde a oferta queimada era posta no grande altar ardente, mas o israelita não podia dizer para si: «Estou coberto, não necessito de mais nada». O seu perdão dependia da sua confissão e da apropriação do sacrifício.

Do mesmo modo, vós e eu, temos de nos apropriar do sangue expiatório de Jesus Cristo

«...e, se alguém pecar, temos um advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo. (I S. João 2:1). Peça-mos perdão através d'Ele «Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo, para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça». (I S. João 1:9).

Para ter uma correcta relação com Deus temos de amar Sua santa lei, de reconhecer a natureza pecaminosa da desobediência, sentir que quando há transgressão não temos outra alternativa senão correr para Cristo e pedir perdão sem demora. O santuário não fez provisões para um povo sem lei. Qualquer que persistisse na transgressão era cortado do meio de Israel (Num. 15:30, 31); mas o sangue da vítima fazia a expiação do pecador penitente até ao último momento do dia do julgamento de Israel.

Todo o nosso modo de vida está simbolizado no santuário e nos seus serviços. As ofertas pelo pecado e de resgate expiavam os pecados contra Deus e contra o próximo. As ofertas queimadas expressavam entre outras coisas adoração, culto e devoção. As ofertas pacíficas expressavam gratidão, boa vontade e calorosa relação entre os crentes. (Ver *SDA Bible Dictionary*, pág. 942).

Assim os crentes israelitas viviam num círculo de segura e significativa comunhão. Em tudo isto podemos ver um maravilhoso e encorajador modo de vida que também nós somos chamados a viver como membros do corpo de Cristo.

Consagração total

O santuário e seus serviços requeriam uma consagração completa da parte do crente. Seria errado imaginar que um israelita poderia avançar movido apenas por atitudes exteriores com relação aos serviços rituais e sair aprovado de diante do julgamento. Se o santuário nos ensina alguma coisa é precisamente consagração interior, religião interior, dependência total da vítima e da intercessão do Sumo-Sacerdote. Tinha de haver envolvimento total com Deus. O santuário não existia apenas para justificação, mas também para santificação do coração e da vida. Os israelitas deviam ser um povo santo. «Santos sereis porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo» (Lev. 19:2). «Agora pois, ó Israel, que é que o Senhor teu Deus pede de ti, senão que temas ao Senhor teu Deus, que andes em todos os seus caminhos, e o ames, e sirvas ao Senhor teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua alma» (Deut. 10:12). «...mas amarás o teu próximo como a ti mesmo: eu sou o Senhor» (Lev. 19:18).

Aquilo que Deus mais deseja é o coração. Quantas vezes o Senhor não ficava contristado devido à dureza e desobediência dos seus corações. No Dia da Expição, que representa o dia do julgamento — o dia no qual era deter-

minado aquele que devia viver e aquele que devia morrer — a decisão dependia não do número de ritos que eles tinham realizado, nem do número de sacrifícios que tinham oferecido, mas sim se eles tinham examinado os seus corações e estavam perfeitos diante de Deus. Deus disse: «...e afligireis as vossas almas... Porque toda a alma, que naquele mesmo dia se não afligir, será extirpada do seu povo». (Lev. 23:27-29).

É o vosso coração leal a Deus? Estais confiando diariamente no precioso sangue vertido no altar do Calvário? Colocastes já inteiramente a vossa vida nas mãos do nosso Sumo-Sacerdote, Jesus Cristo o Justo? Entregastes-lhe já o coração e a vida numa consagração completa ao seu serviço?

A longa caminhada para a Canaã celestial está quase terminada. Se nós caminharmos na luz que é reflectida do Seu santuário, Ele é muito bem capaz de nos levar através do deserto do pecado para a Terra Prometida, onde Deus habitará com a humanidade por toda a eternidade, Ele será o seu Deus e eles serão o Seu povo comprado com o Seu precioso sangue.

Vós e eu estaremos entre eles!

Perguntas para discussão

1. Que relação há entre comunhão com Deus (Deus habitando com o homem) e o caminho da salvação?
2. Como eram salvos os israelitas? Pelo sangue do animal? Pela obediência à lei ritual? Pela fé demonstrada através dos sacrifícios oferecidos?
3. Quantas vezes podia o pecador ser perdoado antes de ser considerado perdido?
4. Uma vez que o sacrifício diário representava o sangue de Cristo derramado por todo o Israel, por que era necessário que o pecador oferecesse o seu próprio sacrifício?
5. Qual a principal diferença entre os sacrifícios pagãos e os prescritos na Bíblia?
6. Por que era a morte de um substituto necessária para a salvação e porque foi o Filho de Deus escolhido como substituto e não qualquer outro?
7. Por que precisava o homem de um sacerdote e de um sacrifício?

«Não é nosso número nem riquezas que nos darão assinalada vitória; é antes o devotamento à obra, coragem moral, amor ardente pelas almas e infatigável e incessante zelo.»

OS PECADOS QUOTIDIANOS

O santuário dá-nos a chave da compreensão do trabalho de Cristo para nossa salvação.

Por MANFRED BOETTCHER

Porque é tão importante dar cuidadoso estudo ao assunto do Santuário?

O significado do grandioso trabalho de reconciliação feito por Cristo e o Seu exclusivo serviço por cada um de nós hoje, é pouco compreendido mesmo por muitos daqueles que professam ser Seus seguidores.

Porquê isto? Apesar do facto do papel de Cristo como nosso Sumo-Sacerdote ser o centro principal da fé cristã, nós não estudamos esta importante verdade como devíamos. Na Epístola aos Hebreus nós lemos: «Ora a suma do que temos dito é que temos um sumo sacerdote tal, que está assentado nos céus à dextra do trono da majestade, ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor fundou e não o homem» (cap. 8:1, 2).

Por mais de mil anos o tabernáculo e mais tarde o Templo, foram os lugares onde Deus representou o plano da Salvação para impressionar a mente do Seu povo. Todos os serviços realizados, todo o equipamento usado — tudo — atraía a atenção para Cristo. «Porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade» (Col. 2:9). O antigo santuário já há muito deixou de existir. A sombra, que dirigia os olhos do povo para o trabalho de reconciliação, foi substituída na pessoa de Jesus. Agora nós olhamos com os olhos da fé para o «verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor fundou e não o homem» (Heb. 8:2). Alguma coisa importante está acontecendo ali que é essencial para a nossa salvação.

Quando Adão e Eva pecaram no Jardim do Éden, um largo abismo começou a separar Deus daqueles que Ele amava. Um poder terrível — o pecado — tinha-se introduzido na maravilhosa criação de Deus. Deus não pode tolerar um intruso para sempre. Não, Ele irá destruí-lo. Todo o ser humano tem sido contaminado pelo pecado. Mesmo com forte poder de vontade, grande determinação e esforço, é impossível para uma pessoa libertar-se a si próprio da escravidão do pecado. Isto é verdade mesmo para aqueles que têm o mais

alto ideal moral. Romanos 3:23 declara plenamente, «Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus».

Por causa do pecado, o ser humano perdeu o amor pelo seu Criador, substituindo-o pelo amor próprio. Portanto o pecador não está em condições de cumprir a vontade de Deus.

Sendo Deus a fonte da vida, qualquer que escolhe entregar-se ao pecado separa-se de Deus e corta a sua ligação com a fonte da vida.

O inocente tomou o lugar do pecador

Desde o dia em que Adão pecou, Deus tem feito tudo para mostrar o Seu amor para com o homem. Pela demonstração do Seu amor, Ele deu nova coragem e nova esperança à raça humana. Segundo o plano de Deus, um Substituto deveria tomar o lugar do pecador, e o próprio Deus providenciaria esse substituto. No deserto Deus fez um concerto com os Israelitas e escolheu-os como Sua propriedade. Ele deu-lhes instruções para a construção de um santuário. Esse santuário devia ser mais do que o centro de culto e adoração para o povo. Pelos serviços ali realizados, de acordo com as instruções de Deus, os israelitas receberiam um claro conhecimento do plano divino para a salvação. Eles compreenderiam melhor o modo como Deus resolveria o terrível problema do pecado, como Ele salvaria pecadores sem tornar o pecado eterno, como Ele separaria o pecado do pecador; como o pecador poderia receber o perdão; e como, finalmente, o pecado desaparecerá.

Para concretizar este plano de salvação, Deus teve de pagar um preço tão alto que a imaginação humana é incapaz de compreender.

Deus amou tanto o homem caído que esteve pronto a dar o Seu Filho: «Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigénito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna» (S. João 3:16).

Este trabalho de salvação envolveu a encarnação de Cristo na natureza humana e a Sua morte na cruz. «Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o Justo pelos injustos, para levar-nos a Deus; mortificado, na verdade, na carne, mas vivificado pelo Espírito» (I Pedro 3:18).

«Isto é, Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados; e pôs em nós a palavra da reconciliação» (II Cor. 5:19). Vendo Jesus

vir para o rio Jordão e, pela fé, reconhecendo Aquele em quem todas as promessas da redenção seriam cumpridas, João Baptista exclamou: «Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo». (S. João 1:29). Pedro expressou esta verdade de modo semelhante quando escreveu: «Levando ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça; e pelas suas feridas fomos sarados». (I S. Pedro 2:24).

Quais são as condições segundo as quais os nossos pecados podem ser levados por Cristo? Isto está muito bem ilustrado pelo serviço que tinha lugar no tabernáculo. No livro de Levítico são mencionados vários sacrifícios — os que eram oferecidos diariamente, semanalmente ou anualmente. Para o pecador, a oferta pelo pecado e a oferta de resgate tinham importância especial porque ele estava pessoalmente incluído e envolvido na sua oferta.

Que acontecia quando um dos israelitas pecava «por erro contra alguns dos mandamentos do Senhor, acerca do que se não deve fazer, e obrar contra algum deles»? (Lev. 4:2) Se ele fosse uma pessoa comum do povo, segundo Levítico 4:28, tomando conhecimento do seu pecado, então viria ao santuário com um cabrito sem mancha ou defeito algum, para oferta. Um Sacerdote recebia-o no pátio. O transgressor ficava diante do altar com o Seu animal para fazer uma oferta pelo pecado. Ali era convidado a «colocar a mão sobre a cabeça da vítima oferecida pelo pecado e ele próprio a degolava sobre o altar». (Verso 29).

Restituição

No que diz respeito à oferta de resgate, a regra era que se um israelita tinha defraudado o seu próximo, Deus esperava que ele pagasse tanto quanto o prejuízo causado pelo seu pecado ou devolvesse as coisas que tinham chegado à sua mão de modo irregular. «Será pois que, porquanto pecou e ficou culpado, restituirá o roubo que roubou, ou o retido que retém violentamente, ou o depósito que lhe foi dado em guarda, ou o perdido que achou, ou tudo aquilo sobre que jurou falsamente; e o restituirá no seu cabedal, e ainda sobre isso acrescentará o quinto; àquele de quem é o dará no dia de sua expiação». (Cap. 6:4, 5).

Não espera Deus de nós também uma restituição? Isto torna evidente que cada um que conhece o seu mal feito como pecado devia compensar tanto quanto possível o prejuízo causado. Em situações em que isto não pode ser feito por circunstâncias várias, seria bom seguir o conselho dos tempos antigos: «Mas, se aquele homem não tiver resgatador, a quem se restituia pela culpa, então a culpa que se restituir ao Senhor será do sacerdote, além

do carneiro da expiação com que por ele fizer expiação». (Núm. 5:8). Aqueles que gostariam de estar certos sobre o perdão do seu resgate deviam pensar acerca disto: reposição do prejuízo causado pelo pecado devia ser acompanhada de confissão e sempre que possível fazer a restituição.

«Dia após dia, o pecador arrependido levava a sua oferta à porta do tabernáculo, e colocando a mão sobre a cabeça da vítima, confessava os seus pecados, transferindo-os assim, figuradamente, de si para o sacrifício inocente. O animal era então morto». — *O Grande Conflito*, p. 335.

Quem matava o animal trazido para oferta? O próprio pecador tinha de o fazer. O animal assim morto prefigurava o Messias prometido. «Porque é impossível que o sangue dos touros e dos bodes tire os pecados». (Heb. 10:4). Isto não podia remir o homem. A morte do animal oferecido no pátio do santuário era apenas um símbolo do trabalho actualmente realizado por Cristo, «Levando ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro». (I S. Pedro 2:24). Na cruz do Calvário o Filho de Deus foi sacrificado como o inocente cordeiro. Ele teve de morrer pelos nossos pecados.

Todos sabemos que a morte de Jesus sobre a cruz é um facto histórico. Estamos nós verdadeiramente convencidos de que foram os nossos pecados que O levaram a essa situação e causaram a Sua morte?

Que disse Pedro àqueles que o escutavam no dia de Pentecostes? «A este que vos foi entregue pelo determinado conselho e preciência de Deus, tomando-o vós, o crucificastes e matastes pelas mãos de injustos». (Actos 2:23). De certo modo isto é para cada um de nós hoje.

Não foi o ódio dos judeus ou a crueldade dos Romanos que levaram Jesus à morte. Foram os nossos pecados — desobediência, rebeldia, inveja, glorificação própria, egoísmo. Se nós verdadeiramente sentirmos os resultados do pecado, pediremos, não somente perdão pela fé no Seu sacrifício, mas também força para vencer o pecado nas nossas vidas. «A cruz é uma revelação aos nossos sentidos embotados, da dor que o pecado, desde o seu início, acarretou ao coração de Deus». — *Educação*, p. 263.

Olhemos novamente para a cruz. Vemos ali o Justo que morreu pelos injustos, reconhecemos ali o amor de Deus carregando o Seu próprio Filho com o fardo dos nossos pecados e então os nossos sentidos mais ou menos adormecidos começarão a compreender o alto preço pago pelo pecado da humanidade.

Parece-nos muitas vezes que os nossos pecados não são muito importantes, mas não nos esqueçamos que eles levaram o Filho de Deus à Cruz.

O trabalho do sacerdote

Voltemos ao pecador que tinha de matar o animal inocente. Qual era o papel do sacerdote que estava ali ao lado daquele homem?

Nos capítulos 4-6 do livro de Levítico lemos muitas vezes estas palavras: «Assim o sacerdote por ele fará expiação dos seus pecados, que pecou, e lhe será perdoado o pecado». (Lev. 4:35).

O pecador matava o animal oferecido em sacrifício, mas ele não podia fazer a expiação do seu pecado. Isto era feito pelo sacerdote. Segundo Hebreus 8:5, o serviço do sacerdote no santuário terrestre era «uma sombra das coisas celestiais», e portanto do serviço que Cristo faz por nós. Ele não é apenas o Cordeiro oferecido por nós mas também o nosso Sumo-Sacerdote. Depois de ter sido imolado por nós sobre a cruz, Ele exerce igualmente por nós um sacerdócio no santuário celeste. O pecador podia chegar apenas ao pátio. Ele nunca podia entrar no santuário. A expiação podia ser feita apenas pelo sacerdote. Ele fazia aquilo que era impossível ao pecador. Ele colocava parte do sangue do animal sobre o altar ou com o seu dedo aspergia algumas gotas de sangue sobre o véu do templo.

O plano da salvação implica muito mais do que um sacrifício de substituição. Ele compreende também o trabalho de nosso Senhor como Sumo-Sacerdote celestial. Na cruz Ele «Nem por sangue de bodes e bezeros, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efectuado uma eterna redenção». (Heb. 9:12).

No céu Ele trabalha fazendo a expiação ao alcance de todos aqueles que estão prontos a aceitar a plenitude da Sua graça. O Seu trabalho no santuário é efectivo apenas para aqueles que aceitam esta redenção. «O santuário no Céu é o próprio centro da obra de Jesus Cristo em favor dos homens». — *O Grande Conflito*, pág. 392.

Onde estão os nossos pecados? São eles ainda um fardo sob o qual nós corremos o risco de sermos esmagados? Ou foram eles arrebatados por Jesus Cristo de tal modo que agora «Sendo pois justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo»? (Rom. 5:1). Aquilo que não podia ser feito pelos inumeráveis sacrifícios de animais foi «uma vez por todas» feito pelo sacrifício de Jesus. Se pela fé aceitamos isto na nossa própria vida, faremos uma experiência maravilhosa, conforme a promessa divina: «Este é o concerto que farei com eles depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei as minhas leis em seus corações e as escreverei em seus entendimentos; acrescenta: E jamais me lembrarei de seus pecados e de suas iniquidades». (Heb. 10:16, 17).

Aquilo que nunca poderia ser feito por seres humanos, foi agora feito pela graça de Deus. Isto é algo que nunca poderá ser completamente compreendido, mas que inunda os nossos corações de alegria e paz. Pelo sangue de Jesus nós temos a possibilidade de entrar no lugar santo. Temos em Jesus um «fiel sumo sacerdote... para expiar os pecados do povo. Porque naquilo que ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados». (Cap. 2:17, 18). «Cheguemo-nos com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé; tendo os corações purificados da má consciência, e o corpo lavado com água limpa». (Cap. 10:22).

Perguntas para discussão

1. Em que sentido era o santuário terrestre mais do que um lugar de culto público?
2. Que diferença existe entre a oferta pelo pecado e as ofertas de resgate e como podemos aplicar estas lições hoje?
3. Porque tinha o próprio pecador de imolar o animal previsto para o sacrifício?
4. De que deve a contemplação da cruz tornar-nos conscientes?
5. Porque eram somente os sacerdotes autorizados a fazer a expiação do pecado?
6. Porque, no plano da salvação, a morte de Jesus na cruz é inseparável do seu serviço no santuário celestial?
7. Que alegre certeza nos é dada através do ministério de Jesus?

ORAÇÃO DO PASTOR

*Não oro para o templo
de multidão ver cheio;
apenas, que ao pregar eu a mensagem,
vejam a Cristo, e creiam como eu creio.*

*Não oro pela pompa em minha igreja,
nem música a bom preço conseguida;
apenas, que ao pregar eu a mensagem,
ela seja um farol em cada vida.*

*Não oro por louvores,
por famas ou por glorificações;
apenas, que ao pregar eu a mensagem,
se abram a Deus os corações.*

RALPH S. CUSHMAN

A SOMBRA DA CRUZ

Só no sacrifício do Cordeiro encontramos salvação. Se eliminamos do evangelho a obra expiatória, o pecador é deixado sem esperança.

Por ENOCH DE OLIVEIRA

Há cristãos professos que atribuem pouca importância aos serviços cerimoniais que eram solenemente celebrados no antigo santuário de Israel. Eles perdem com isso, porquanto o assunto da redenção, tal como é revelado no Novo Testamento, se torna mais vívido quando compreendido à luz do simbolismo levítico.

O ministério sacerdotal era caracterizado por dois importantes aspectos: o serviço diário e o serviço anual. «Ora, estando estas coisas assim preparadas, a todo o tempo entravam os sacerdotes no primeiro tabernáculo, cumprindo os serviços; mas no segundo só o sumo sacerdote, uma vez no ano, não sem sangue, que oferecia por si mesmo e pelas culpas do povo». (Heb. 9:6, 7).

Uma vez no ano, no décimo dia do sétimo mês (Tishri), celebrava-se o ritual do Dia da Expição. Dez dias antes, soavam as trombetas de prata, convidando o povo a preparar-se para este grande acontecimento nacional — o Yom Kippur (Dia da Expição). «Nesse dia, toda a ocupação era posta de lado, e toda a congregação de Israel passava o dia em humilhação solene perante Deus, com oração, jejum e profundo exame de coração». — *Patriarcas e Profetas*, pág. 367.

Antes de officiar no ritual solene, o sumo sacerdote oferecia sacrifícios por si mesmo e pela sua família (Lev. 16:3, 6). Ele próprio necessitava de ser purificado. Em seguida, eram lançadas sortes sobre dois bodes, designando-se um para o Senhor e o outro para Azazel (vers. 6, 7). O bode escolhido para o Senhor era morto como oferta pelos pecados do povo. Depois do sacrifício, o povo com temor e tremor acompanhava em espírito o sumo sacerdote, ao entrar este no santuário levando o sangue. Depois disso, nenhum dos seus movimentos podia ser visto. A cortina do lugar santíssimo era aberta — isto sucedia uma vez no ano — e ele comparecia, sozinho, no compartimento interior, onde uma nuvem de incenso ocultava da sua vista a

glória divina. Naquele solene lugar ele aspergia o sangue sete vezes sobre o propiciatório.

Durante o ano cerimonial, devido à ministração diária, os pecados de Israel tinham manchado o santuário. Mas agora, por meio do ritual da expiação, os pecados, que simbolicamente ali se tinham acumulado, eram removidos, e o santuário, o altar, os sacerdotes e o povo eram purificados (vers. 33).

Numa atitude de meditação e oração, a multidão congregada seguia os movimentos do sumo sacerdote, que, depois de ter estado na presença de Deus, voltava trazendo sobre si mesmo os pecados acumulados durante o ano.

Durante todo este tempo, o «bode emissário», símbolo de Satanás, tinha ficado junto da porta do santuário, aguardando a parte que devia desempenhar na remoção do pecado. Como acto culminante, o sumo sacerdote colocava as mãos sobre a cabeça do animal e confessava as iniquidades de Israel (vers. 21), transferindo-as assim para o bode emissário, que em seguida era levado por um levita para o deserto (vers. 22).

Segundo a tradição, em tempos ulteriores o sacerdote oficiante, depois de ter efectuado o serviço litúrgico, apresentava-se à multidão, e com voz solene e firme declarava: «Estais purificados», reafirmando assim à multidão contrita a certeza do perdão de todos os seus pecados.

Qual era o significado simbólico do banimento do bode emissário? Entre as inúmeras acusações feitas contra a teologia adventista, nenhuma é mais grave do que a acusação de que fazemos de Satanás nosso salvador. Rejeitamos por completo esta ideia, dado que a participação do bode emissário ocorria apenas depois de completada a expiação pelos pecados do povo (vers. 20-22), e de completada a obra da reconciliação.

O bode emissário era levado vivo para o deserto. Não era sacrificado, mas simplesmente abandonado numa região solitária; portanto, ele não podia representar a obra da redenção, porque «sem derramamento de sangue não há remissão» (Heb. 9:22).

O sangue do bode, que representava o sacrifício de Cristo, expiava os pecados do povo de Deus pela sua fé no Senhor. O santuário, os sacerdotes e o povo eram purificados. Nesta obra, Azazel não tinha participação alguma! Cristo proveu uma redenção plena, e só o Seu sangue, prefigurado nas

Enoch de Oliveira é presidente da divisão Sul-Americana.

ofertas sacrificiais, pode produzir a remissão de nossos pecados (Mat. 26:28).

O banimento do bode emissário representa a erradicação final do pecado. Diz a Inspiração: «Como o sacerdote, ao remover do santuário os pecados, os confessava sobre a cabeça do bode emissário, semelhantemente Cristo porá todos esses pecados sobre Satanás, o originador e instigador do pecado. O bode emissário, levando os pecados de Israel, era enviado 'à terra solitária' (Levítico 16:22); de igual modo Satanás, levando a culpa de todos os pecados que induziu o povo de Deus a cometer, estará durante mil anos circunscrito à Terra, que então se achará desolada, sem moradores, e ele sofrerá finalmente a pena completa do pecado nos fogos que destruirão todos os ímpios. Assim o grande plano da redenção atingirá seu cumprimento na extirpação final do pecado e no livramento de todos os que estiverem dispostos a renunciar ao mal». — *O Grande Conflito*, pág. 485.

Ajuste de contas

Para os Israelitas, o Dia da Expição era o dia do juízo e o dia do ajuste de contas com Deus. Por isso, nesse dia, com jejum e oração, eles examinavam as suas consciências e confessavam as suas transgressões, pois sabiam que se não recebessem perdão, seriam extirpados da fraternidade de Israel (*ibid.*, pág. 418). Visava despertar nas consciências dos homens o senso de sua terrível pecaminosidade e, ao mesmo tempo, gravar nas almas dos crentes a beleza da fé e os seus profundos mistérios.

Através de todos os séculos, Satanás tem envidado esforços para minimizar a malignidade do pecado. Sob sua influência muitos explicam as tendências carnis do coração humano. Os evolucionistas minimizam o pecado como sendo um vestígio remanescente da nossa original natureza animal; os psicólogos classificam-no como um impulso; e outros definem-no como um mau funcionamento das glândulas endócrinas.

Mas o pecado é uma realidade! Esteve presente no acampamento de Israel. Vemos a sua sinistra presença em nossos dias. Constitui uma rebelião pessoal contra Deus. Podemos minimizar sua importância e até negar sua existência. Mas jamais poderemos ocultar sua perturbadora ação no mundo e no coração do homem.

Quando um cisco penetra num dos olhos, este protesta com lágrimas, insistindo para que a partícula seja removida. O pecado é um corpo estranho na consciência, que perturba a paz interior. A consciência, como o olho, solicita alívio.

No Dia da Expição, Israel, com oração e jejum, ardentemente buscava o perdão prometido: «Naquele dia se fará expiação por vós, para purificar-vos; e sereis purificados de todos os vossos pecados perante o Senhor» (Lev. 16:30). Sabendo que não era apenas perdoado mas também purificado, o povo, cheio de doce paz interior e exuberando de felicidade, voltava para as suas tendas.

Quão confortadora é a lição a nós sugerida pelo ritual da Expição! Não podemos ocultar os nossos pecados. Não podemos remover os sentimentos de culpa. Podemos, porém, apresentá-los a Deus com a certeza de que seremos perdoados e purificados. «Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça» (I João 1:9). Ele não só nos perdoa mas também, como na Expição, nos purifica com um poderoso e eficaz detergente — o sangue de Jesus.

Só a morte do Cordeiro

Visitando o Instituto Pasteur de São Paulo, famoso centro de investigação científica, um repórter, numa atitude de descrença, assistia ao sacrifício de inocentes animais — dóceis ovelhas e submissos coelhos — efectuado com o propósito de salvar vidas humanas.

Possuído de tristeza pelo penoso e lamentável morticínio de indefesos animais, escreveu: «A cena que presenciámos, retendo a nossa respiração, era realmente chocante. O manso cordeirinho, de cabeça baixa, enquanto fortes mãos seguravam seus pés, parecia prever o fim que o aguardava. Com espantoso estoicismo tolerava o aguçado instrumento que explorava no seu cérebro a parte mais sensível do corpo. Uma vez descoberta, uma longa agulha era lentamente introduzida, injectando no sistema nervoso do animal um vírus que o paralisaria totalmente dentro de um período de dois ou três dias. Completada esta operação, o sangrento cordeiro era arrastado para um local onde permanecia debaixo de observação. Se não podia resistir ao efeito da injeção, morria. Se tolerava a operação, morria igualmente num dos edifícios do Instituto. Depois da autópsia, o seu fluido espinal ia para a preparação da vacina Fermi que é usada contra a raiva».

Muito impressionado pelo que tinha visto, pediu explicações a um dos especialistas. «Não poderia encontrar-se algum outro processo para a produção de vacinas? É a morte destes animais o único meio conhecido para a salvação das vítimas da hidrofobia? Não poderia ser substituída por alguma outra terapêutica que dispensasse a tortura bárbara de pobres animais de laboratório?»

Em resposta o especialista abanou a cabeça, negando a existência de outros métodos ou processos. «Só a morte destes animais pode preservar a vida do homem».

Algo de semelhante ocorre no plano da redenção. Só no sacrifício do Cordeiro encontramos salvação. Se eliminarmos do evangelho a morte expiatória, o pecador é deixado sem esperança. Esta é a grande lição que Deus desejou dar ao Seu povo por meio da cerimónia típica da Expição.

O homem moderno imagina que pode obter salvação por meio da educação, da cultura, pelo refinamento do carácter, e pela eliminação do mal através da prática do bem. Segue um evangelho de ideias, de princípios éticos, e de boas obras. Não há outros métodos ou processos para a salvação do homem além da morte do Cordeiro de Deus. Neste grande facto central encontramos o grande Centro de tudo quanto necessitamos. Deus aceita a morte de Jesus como resgate pelas nossas transgressões. Portanto, não olhemos para outro evangelho que não seja o que tão maravilhosamente se encontra prefigurado no simbolismo levítico.

O Dia da Expição preparava os Israelitas para a última e mais alegre de todas as comemorações — a Festa dos Tabernáculos. Com esta celebração, que tinha lugar cinco dias depois, eles encerravam o ciclo festivo do calendário hebraico. Com radiante felicidade o povo participava no grande festival das colheitas. A terra tinha produzido seus frutos e os corações do povo estavam em paz com Deus. Cheios de gratidão, contentamento e esperança, eles uniam-se em agradecer ao Senhor, que de tão generosa maneira os havia abençoado. Na realidade, só um povo em paz com Deus seria capaz de se alegrar perante Ele com gratidão, reconhecendo a Sua infinita bondade e louvando-O pelo Seu cuidado providencial.

A Festa dos Tabernáculos, festa de gratidão pelas colheitas, recordava por um lado a Israel a maneira providencial como Deus tinha guiado o Seu povo no passado, e por outro lado levava os seus pensamentos para a colheita final em que a missão da igreja será concluída e todas as nações serão reunidas perante o Senhor.

Na cronologia profética, vivemos no período correspondente ao grande Dia da Expição. Cristo, como nosso Sumo Sacerdote, está no Lugar Santíssimo do santuário celeste, realizando a Sua obra final de expiação. Dentro em breve, ninguém sabe quando, Cristo terminará a Sua obra de Mediador. Agora, mais do que em qualquer outro tempo, cumpre-nos atender à exortação divina: «Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há-de vir o vosso Senhor» (Mat. 24:42).

Quando esta obra tiver terminado, virá o grande dia da colheita. O Senhor enviará os Seus ceifeiros, com a ordem: «Colhei primeiro o joio, e atai-o em molhos para o queimar; mas o trigo ajuntai-o no Meu celeiro» (Cap. 13:30). E quando os anjos tiverem terminado esta obra, e «os resgatados do Senhor houverem sido com segurança recolhidos na Canaã celestial, ... regozijar-se-ão com indizível alegria e cheios de glória. A grande obra expiatória de Cristo em favor do homem ter-se-á então completado, e seus pecados terão sido para sempre eliminados». — *Patriarcas e Profetas*, pág. 579.

Perguntas para discussão

1. Por que dedicam os Adventistas tanta atenção ao estudo das cerimónias levíticas?
2. Como ensinou Deus o plano da salvação antes da vinda de Cristo?
3. Que significado tinha para Israel o Dia da Expição?
4. Que representava o desterro do bode emissário?
5. Com que argumentos bíblicos refutamos a ideia de que a participação de Azazel no serviço cerimonial simbolizava uma obra co-redentora?

NAQUELE TEMPO DISSE JESUS

*Em verdade, em verdade, Eu vo-lo digo
— Eu sou a Porta: Quem entrar por Mim
Jamais se perderá, que estar comigo
É estar com o Pai, na luz sem fim.*

*Para que todos vivam é que vim
E todos viverão do Meu pascigo.
Eu sou o Bom Pastor. Não há jardim
Com mais roseiras do que o Meu abrigo.*

*Sei que há outras ovelhas que não são
Do Meu redil; mas elas ouvirão
A Minha voz de apelo, em dor e amor,*

*Até que venham a fazer, um dia,
Em plená, eterna, mística alegria,
Um só rebanho com um só Pastor!*

MOREIRA DAS NEVES

UMA OBRA SOLENE, UM TEMPO SOLENE

É impossível exagerar a solenidade da obra que se está processando no santuário celestial.

Por KENNETH H. WOOD

É única a hora em que vivemos. É diferente de qualquer outro tempo da história do mundo. Hoje está decorrendo no céu o juízo investigativo, uma obra solene que determina quem será admitido na impoluta sociedade do céu por ocasião da vinda de Cristo, e quem será excluído. O tempo desde 1844 corresponde ao antigo Dia da Expição.

No Dia da Expição, os Israelitas focavam a sua atenção no santuário terrestre onde o sumo sacerdote se levantava entre eles e Deus. Examinavam as suas vidas cuidadosamente, procurando ter a certeza de que se tinham arrependido de todos os seus pecados, e os haviam confessado e abandonado. Um assunto, um só, ocupava a atenção dos Israelitas — o estar em ordem com Deus, de maneira que não fossem excluídos do Seu povo.

As Escrituras tornam claro que o antigo santuário era um tipo do santuário celeste. No livro de Hebreus lemos: «Temos um sumo sacerdote tal, que está assentado nos céus à dextra do trono da Majestade, ministro do santuário, e do verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor fundou, e não o homem» (cap. 8:1, 2; cf. versículo 5). O «verdadeiro» santuário está no céu, e Jesus é o sumo sacerdote nesse santuário.

Além disso, a obra efectuada pelos sacerdotes no santuário terrestre era um tipo da obra efectuada no céu. Dos sacerdotes terrestres, diz a Inspiração que eles serviam «de exemplar e sombra das coisas celestiais» (versículo 5).

No antigo santuário, mediante os sacrificios comidos pelos sacerdotes ou o sangue aspergido sobre o véu no lugar santo, os pecados confessados do povo eram transferidos para o santuário. Ao prosseguir este processo ao longo do ano, os pecados do povo «tornavam imundo» o santuário. Para remover a «imundície», no Dia da Expição, no fim do ano, os pecados do povo eram removidos. O santuário era então «purificado».

De igual modo, o santuário celeste, de que o terrestre era um tipo, requer purificação. Por um divino processo no dia antitípico da expiação são removidos os pecados do povo de Deus que tinham sido transferidos para o santuário celeste. O santuário é «purificado».

Em visão foi dito ao profeta Daniel quando é que ocorreria esta purificação. Disse o anjo: «Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado» (Dan. 8:14). Ao estudarem esta profecia, os pioneiros do Movimento Adventista concluíram que o ponto de partida dos 2300 dias foi o mesmo que o ponto de partida das setenta semanas de Daniel 9:24 — «a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém» (vers. 25). Tendo descoberto que o decreto para restaurar Jerusalém foi publicado no Outono de 457 a.C., acrescentaram 2300 dias (anos, segundo o princípio de equivalência dia-ano em interpretação profética) e eventualmente chegaram a 22 de Outubro de 1844, como o tempo em que o «santuário» devia ser purificado.

Ao estudarem as cerimónias do antigo santuário, viram que o Dia da Expição era um tempo de juízo, um tempo em que se decidia o futuro de cada pessoa. A todos aqueles cujos pecados tinham sido transferidos para o santuário era permitido continuarem com o povo de Deus. Aqueles cujos pecados ficavam ainda por confessar eram separados, ou «cortados», do povo de Deus. Isto tornava claro o motivo por que a cena do juízo foi descrita em relação com as profecias de Daniel 7 e 9. Escreveu o profeta: «Continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e um Ancião de dias se assentou; o seu vestido era branco como a neve, e o cabelo da sua cabeça como a limpa lã; o seu trono chamava de fogo, e as rodas dele fogo ardente. Um rio de fogo manava e saía de diante dele; assentou-se o juízo, e abriram-se os livros» (cap. 7:9, 10).

Compreendendo que estavam a viver na hora do juízo, os primeiros Adventistas sentiam-se subjugados por uma tremenda impressão de solenidade. Examinavam as suas almas para certificar-se de que estavam em ordem com Deus. Confessavam os seus pecados e com lágrimas arrependiam-se deles.

Kenneth H. Wood é o director da Adventist Review.

Buscavam aqueles a quem tinham ofendido e pediam-lhes perdão. Oravam por uma mais profunda experiência cristã e pelo derramamento do Espírito Santo.

Mais luz resplandeceu em suas mentes ao continuarem a estudar. Luz acerca do santuário celeste «revelou um conjunto completo de verdades, ligadas harmoniosamente entre si». — *O Grande Conflito*, pág. 422. Essa luz «iluminou o passado, o presente e o futuro» (*ibid.*). Os crentes viram que na parábola de Mateus 22 o juízo anterior à Segunda Vinda de Jesus foi representado pelo exame que o rei fez aos convidados para a boda antes do casamento a fim de ver se estavam vestidos com o traje nupcial. Viram, também, que «a vinda de Cristo ao lugar santíssimo como nosso Sumo Sacerdote, para a purificação do santuário, a que se faz referência em Daniel, capítulo 8, verso 14; a vinda do Filho do homem ao Ancião de dias, conforme se acha apresentada em Daniel, capítulo 7, verso 13; e a vinda do Senhor ao Seu templo, predita por Malaquias [em Malaquias 3:1], são descrições do mesmo acontecimento; e isto é também representado pela vinda do esposo ao casamento, descrita por Cristo na parábola das dez virgens, de Mateus, capítulo 25». — *Ibid.*, pág. 426.

Dois pontos impressionantes

Dois pontos impressionaram profundamente os primeiros adventistas, pontos esses que também nos deviam impressionar a nós: 1) visto que o juízo está em processo, o tempo desde 1844 é um tempo solene; e 2) os discípulos de Cristo devem cooperar plenamente com os agentes celestes na obra de aperfeiçoamento do carácter, pondo de lado todo o pecado conhecido, e apoiando-se inteiramente no poder divino para obterem a vitória. Escreveu Ellen G. White: «Solenes são as cenas ligadas à obra final da expiação. Momentosos, os interesses nela envolvidos. O juízo agora se realiza no santuário celestial. Há muitos anos esta obra está em andamento. ... Na augusta presença de Deus nossa vida deve passar por exame. Actualmente, mais do que em qualquer outro tempo, importa a toda a alma atender à admoestação do Salvador: 'Vigiai e orai'». — *Ibid.*, pág. 490.

Na parábola das cinco virgens loucas, quando veio o esposo, «as que estavam preparadas entraram com ele para as bodas, e fechou-se a porta» (Mat. 25:10). De igual modo, na parábola de Mateus 22, só os hóspedes que traziam o traje nupcial partilharam da alegria da boda. «Todos os que, sendo examinados, se verificar terem vestes nupciais, são aceitos por Deus e considerados dignos de participar de Seu reino e assentar-se em

Seu trono. Esta obra de exame do carácter, para determinar quem está preparado para o reino de Deus, é a do juízo de investigação, obra final no santuário do céu». — *Ibid.*, pág. 427.

É impossível exagerar a solenidade da obra que actualmente se está processando no santuário celestial. O profeta Daniel viu que quando o juízo começou no céu, «abriram-se os livros» (Dan. 7:10). João, o revelador, descrevendo a mesma cena, declarou que não só foram abertos os livros, mas que «os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras» (Apoc. 20:12).

Os livros do céu contêm um registo exacto de cada vida. «Ao lado de cada nome, nos livros do céu, estão escritos, com terrível exactidão, toda a má palavra, todo o acto egoísta, todo o dever não cumprido, e todo o pecado secreto, juntamente com toda a artificiosa hipocrisia. Advertências ou admoestações enviadas pelo Céu, e que foram negligenciadas, momentos desperdiçados, oportunidades não aproveitadas, influência exercida para o bem ou para o mal, juntamente com seus resultados de vasto alcance, tudo é historiado pelo anjo relator». — *Ibid.*, págs. 481, 482.

Sabendo que Deus tem um registo como este e que cada vida será comparada com a santa lei de Deus (cf. Ecles. 12:13, 14; *ibid.*), não podemos deixar de pensar solenemente e de reconhecer que a nossa única esperança de ser libertados no juízo está em depositar toda a nossa confiança em Jesus. Jesus morreu por nós no Calvário (Rom. 5:8-10; I Cor. 15:3; Heb. 9:28). Ele desenvolveu um carácter perfeito, e oferece-nos justiça (Heb. 5:8, 9; *Parábolas de Jesus*, págs. 310, 311). Ele agora é o nosso Mediador no céu, representando-nos perante o Pai no juízo (I Tim. 2:6; Heb. 7:25; 8:1, 2; I João 2:1).

Ellen G. White diz acerca do santuário celeste e da obra aí realizada por Cristo: «O santuário no céu é o próprio centro da obra de Cristo em favor dos homens. ... A intercessão de Cristo no santuário celestial, em prol do homem, é tão essencial ao plano da redenção, como o foi Sua morte sobre a cruz. Pela Sua morte iniciou essa obra, para cuja terminação ascendeu ao céu, depois de ressurgir. ... Jesus abriu o caminho para o trono do Pai, e por meio de Sua mediação pode ser apresentado a Deus o desejo sincero de todos os que a Ele se chegam pela fé». — *O Grande Conflito*, págs. 488, 489.

Quando Cristo subiu ao céu depois de ter derrotado Satanás e de ter tornado acessível a salvação a todos os que dela se apoderassem pela fé, Ele começou o Seu ministério sacerdotal no lugar santo, ou primeiro compartimento, do santuário celeste.

Mas em 1844, quando começou o dia atípico do juízo, Cristo iniciou a Sua obra no lugar santíssimo. Entrou na última fase do Seu ministério, na obra final da expiação, o juízo investigativo.

«Vivemos hoje no grande dia da expiação. No cerimonial típico, enquanto o sumo sacerdote fazia expiação por Israel, exigia-se de todos que afligissem a alma pelo arrependimento do pecado e pela humilhação, perante o Senhor, para que não acontecesse serem extirpados dentre o povo. De igual modo, todos quantos desejem seja seu nome conservado no livro da vida, devem, agora, nos poucos dias de graça que restam, afligir a alma diante de Deus, em tristeza pelo pecado e em arrependimento verdadeiro. Deve haver um exame de coração, profundo e fiel. O espírito leviano e frívolo, alimentado por tantos cristãos professores, deve ser deixado. Há uma luta intensa diante de todos os que desejam subjugar as más tendências que porfiam pelo predomínio. A obra de preparação é uma obra individual. ...Embora todas as nações tenham de passar em juízo perante Deus, examinará Ele o caso de cada indivíduo, com um escrutínio tão íntimo e penetrante como se não houvesse outro ser na terra. Cada um deve ser provado, e achado sem mancha ou ruga, ou coisa semelhante». — *Ibid.*, págs. 489, 490.

Uma obra especial

Em Apocalipse 14:6-12, João registou as mensagens especiais que devem ser transmitidas ao mundo durante o tempo solene em que ocorre o juízo investigativo, a obra do dia da expiação. Estas mensagens chamam a atenção para o Criador, para a obra do juízo, e para as grandes realidades que enfrentam os seres humanos ao decidirem a quem adorarão. As mensagens indicam que enquanto o julgamento está em sessão no céu, Deus procura fazer uma obra especial em favor do Seu povo de maneira que estejam preparados para o fim do tempo de prova.

«Enquanto o juízo de investigação prossegue no céu, enquanto os pecados dos crentes arrependidos estão sendo removidos do santuário, deve haver *uma obra especial de purificação, ou de afastamento de pecado*, entre o povo de Deus na terra». — *Ibid.*, pág. 424.

Que solene tempo é o nosso! Somos nós fiéis no uso dos talentos que nos foram confiados? Estamos usando o nosso tempo, as nossas mentes, as nossas mãos, as nossas vozes, o nosso dinheiro e a nossa influência, para a glória de Deus e o bem da humanidade?

Agora é o tempo para confessarmos os nossos pecados e vencermos os nossos defei-

tos de carácter. «O que encobre as suas transgressões nunca prosperará, mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia» (Prov. 28:13).

Satanás «está constantemente procurando enganar os seguidores de Cristo com o seu fatal sofisma de que lhes é impossível vencer. Mas Jesus apresenta em seu favor Suas mãos feridas, Seu corpo moído; e declara a todos os que desejam segui-l'O: 'A Minha graça te basta'. 2 Coríntios 12:9. 'Tomai sobre vós o Meu jugo, e aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o Meu jugo é suave, e o Meu fardo é leve'. Mateus 11:29, 30. Ninguém, pois, considere incuráveis os seus defeitos. Deus dará fé e graça para vencê-los». — *Ibid.*, pág. 489.

Em vista do tempo solene em que vivemos, é inconcebível que cristãos mantenham uma atitude despreocupada. Maneiras de viver que eram absolutamente aceitáveis antes de 1844 já não são mais aceitáveis. É possível que prossecuções e entretenimentos inocentes necessitem de ser eliminados neste dia da expiação. Que aquilo que é «bom» deva dar lugar àquilo que é «melhor».

Não podemos realçar demasiadamente a solenidade da hora do juízo em que vivemos. Ao mesmo tempo, tomemos consciência do amoroso e onipotente Salvador a quem temos confiado as nossas vidas. Jesus, nosso Advogado no julgamento, nunca perdeu nenhuma causa. Ele oferece-Se para nos imputar Sua justiça. Como nosso Sumo Sacerdote, «Ele pode também salvar perfeitamente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles» (Heb. 7:25).

Levantemos pois os nossos olhos para o santuário celeste onde Jesus ministra em nosso favor. Busquemos o poder que Ele anseia conceder-nos. Pela Sua graça podemos enfrentar sem temor o juízo. Pela Sua graça podemos ter o óleo do Espírito Santo em nossas lâmpadas quando o Esposo vier.

Perguntas para discussão

1. Que efeito tinha o antigo Dia da Expiação sobre as vidas dos Israelitas?
2. Qual o motivo por que se torna necessária a purificação do santuário celeste?
3. Mencione duas parábolas que implicam a necessidade de um juízo investigativo.
4. Que minucioso registo mantém o Céu da vida de cada pessoa?
5. Quão importante é para nós a obra actual de Cristo no santuário celeste?
6. Que preparação deve cada um de nós fazer para ser aceito no juízo?

CRISTO NOSSA PÁSCOA

A Páscoa era tanto comemorativa como típica. Assim também o é a Ceia do Senhor.

Por P. H. MABENA

Uma das mais importantes festas celebradas pelos antigos Israelitas era a Páscoa. Teve a sua origem no Egito, nas vésperas da saída de Israel da terra da escravidão. Tendo obstinadamente resistido à ordem divina de libertar os Israelitas, Faraó, rei do Egito, ia agora receber o golpe final. Deus mandou Moisés dizer-lhe: «Assim diz o Senhor: Israel é Meu filho, Meu primogénito. E Eu te tenho dito: Deixa ir o Meu filho, para que Me sirva; mas tu recusaste deixá-lo ir; eis que Eu matarei a teu filho, o teu primogénito» (Ex. 4:22, 23). O terrível anúncio incluía o seguinte: «Assim o Senhor tem dito: A meia-noite Eu sairei pelo meio do Egito; e todo o primogénito na terra do Egito morrerá, desde o primogénito de Faraó, que se assenta com ele sobre o seu trono, até ao primogénito da serva que está detrás da mó, e todo o primogénito dos animais» (Cap. 11:4, 5). Moisés acrescentou: «Mas contra todos os filhos de Israel nem ainda um cão moverá a sua língua, desde os homens até aos animais» (vers. 7).

«Antes da execução desta sentença, o Senhor por meio de Moisés deu instruções aos filhos de Israel relativas à partida do Egito, e especialmente para a sua preservação no juízo por vir. Cada família, sozinha ou ligada com outras, deveria matar um cordeiro ou cabrito 'sem mácula', e com um molho de hissopo espargir seu sangue 'em ambas as umbreiras, e na verga da porta' da casa, para que o anjo destruidor, vindo à meia-noite, não entrasse naquela habitação. Deviam comer a carne assada, com pão asmo e ervas amargas, à noite, conforme disse Moisés, com 'os vossos lombos cingidos, os vossos sapatos nos pés, e o vosso cajado na mão: e o comereis apressadamente: esta é a Páscoa do Senhor'.

«O Senhor declarou: ... 'E aquele sangue vos será por sinal nas casas em que estiverdes; vendo Eu sangue, passarei por cima de vós, e não haverá entre vós praga de mortandade, quando Eu ferir a terra do Egito'.

«Em comemoração a este grande livramento, uma festa devia ser observada anualmente pelo povo de Israel, em todas as gerações futuras. ... Ao observarem esta festa nos anos futuros, deviam repetir aos filhos a história deste grande livramento, conforme lhes ordenou Moisés: 'Direis: Este é o sacrifício da Páscoa do Senhor, que passou as casas dos filhos de Israel no Egito, quando feriu aos Egípcios, e livrou as nossas casas'. — *Patriarcas e Profetas*, pág. 280.

«A Páscoa devia ser tanto comemorativa como típica, apontando não somente para o livramento do Egito, mas, no futuro, para o maior livramento que Cristo cumpriria libertando Seu povo do cativeiro do pecado. O cordeiro sacrificial representa o 'Cordeiro de Deus', em quem se acha nossa única esperança de salvação. Diz o apóstolo: 'Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós'. ... O cordeiro devia ser preparado em seu todo, não lhe sendo quebrado nenhum osso; assim, osso algum seria quebrado do Cordeiro de Deus, que por nós devia morrer. Assim também representava-se a inteireza do sacrifício de Cristo». — *Ibid.*, pág. 281.

«O cordeiro devia ser comido com ervas amargas, indicando isto a amargura do cativeiro egípcio. Assim, quando nos alimentamos de Cristo, deve ser com contrição de coração, por causa de nossos pecados. O uso dos pães asmos era também significativo. Era expressamente estipulado na lei da Páscoa, e de maneira igualmente estrita observado pelos judeus, em seu costume, que fermento algum se encontrasse em suas casas durante a festa. De modo semelhante, o fermento do pecado devia ser afastado de todos os que recebessem vida e nutrição de Cristo. Assim Paulo escreve à igreja dos Coríntios: 'Alimpai-vos pois do fermento velho, para que sejais uma nova massa. ... Porque Cristo, nossa Páscoa, foi sacrificado por nós. Pelo que façamos festa, não com o fermento velho, nem com o fermento da maldade e da malícia, mas com os asmos da sinceridade e da verdade'. — *Ibid.*, pág. 283.

No Novo Testamento, a contrapartida da Páscoa encontra-se na Ceia do Senhor. Após a vinda de Cristo, não houve mais necessidade de matar o cordeiro pascal para prefigurar a Sua vinda. Mas haveria vantagem em comemorar o sacrifício do Calvário e o que com ele se relacionava. Por esta razão o Senhor instituiu o serviço do pão e do vinho

P. H. Mabena é presidente da União Meridional da Divisão Trans-Africana.

para chamar à atenção os factos da nossa salvação e as provisões feitas na cruz. Como o seu protótipo, aponta tanto para o passado como para o futuro. Devemos recordar o Calvário «até que Ele venha» (1 Cor. 11:26).

Acerca da última refeição pascal de Jesus com os Seus discípulos, João diz: «Ora, antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que já era chegada a Sua hora de passar deste mundo para o Pai, como havia amado os Seus, amou-os até ao fim. ... Levantou-Se da ceia, tirou os vestidos, e, tomando uma toalha, cingiu-Se. Depois deitou água numa bacia, e começou a lavar os pés aos discípulos, e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido» (João 13:1-5).

Preparação para a Ceia do Senhor

A cerimónia do lava-pés apenas tem significado quando representa a remoção do pecado pelo sincero arrependimento e confissão. Simboliza purificação do pecado, e uma renovada consagração a abnegado serviço. Também tipifica o espírito de companheirismo cristão. Os discípulos de Cristo, naquela altura, careciam infelizmente dessas qualidades. Dizem as Escrituras: «E houve também entre eles contenda, sobre qual deles parecia ser o maior» (Luc. 22:24). O serviço do lava-pés era pois uma apropriada preparação preliminar para a participação na Ceia do Senhor. Orgulho, ciúme e contenda, que entre eles eram comuns, deviam ser abandonados.

Depois de lavar os pés aos discípulos, Jesus tomou de novo o Seu lugar à mesa, sobre a qual estavam colocados pão e vinho sem álcool, para o que tinham sido tomadas providências de acordo com as instruções de Cristo. «E, tomando pão, e havendo dado graças, partiu-o, e deu-lho, dizendo: Isto é o Meu corpo, que por vós é dado; fazei isto em memória de Mim. Semelhantemente tomou o cálice, depois da ceia, dizendo: Este cálice é o novo testamento no Meu sangue, que é derramado por vós» (vers. 19, 20).

Aqui o nosso Salvador instituiu a Ceia do Senhor, para ser celebrada com frequência, para manter vivas na memória dos Seus seguidores as solenes cenas de Sua paixão e crucificação pelos pecados do mundo. O pão partido era um símbolo do quebrantado corpo de Cristo, dado pela salvação do mundo. O vinho era um símbolo do Seu sangue, derramado para purificação dos pecados de todos os que a Ele viessem em busca de perdão e O recebessem como seu Salvador. Esta solene ordenança comemora um acontecimento muito mais importante do que a libertação dos filhos de Israel do cativeiro do Egipto. Esta libertação era apenas um tipo da grande expiação feita por Cristo com o sacrifício de Sua própria vida. Concluída a refeição da Páscoa,

«saíram para o Monte das Oliveiras» (Mat. 26:30).

«Jesus estivera conversando ferventemente com os discípulos, instruindo-os; mas ao aproximar-Se do Getsêmane, tornou-Se estranhamente mudo. Muitas vezes lá estivera, para meditar e orar; mas nunca com o coração tão cheio de tristeza como nessa noite de Sua última agonia. ... Devia suportar a culpa da humanidade caída. Tão terrível Lhe parece o pecado, tão grande o peso da culpa que deve levar sobre Si, que é tentado a temer que ele O separe para sempre do amor do Pai. Sentindo quão terrível é a ira de Deus contra a transgressão, exclama: 'A Minha alma está profundamente triste até à morte'. — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 513.

«À medida que avançava, mais se aprofundava essa estranha tristeza; todavia, não ousavam interrogá-l'O quanto à causa da mesma. Seu corpo cambaleava como se estivesse prestes a cair. ... Cada passo que dava agora, fazia-o com extremo esforço. Gemia alto, como sob a opressão de terrível fardo. Por duas vezes os companheiros O sustentaram, de contrário teria tombado por terra. ... Foi a uma pequena distância deles — não tão afastado que O não pudessem ver e ouvir — e caiu prostrado por terra. Sentia que, pelo pecado, estava sendo separado do Pai. O abismo era tão largo, tão negro, tão profundo, que Seu espírito tremeu diante dele. ... O enregelante orvalho da noite cai-Lhe sobre o corpo curvado, mas não atenta para isso. De Seus pálidos lábios irrompe o amargo brado: 'Meu Pai, se é possível, passe de Mim este cálice'. Mas mesmo então acrescenta: 'Todavia não como Eu quero, mas como Tu queres'. — *Ibid.*, págs. 513-515.

Estando ainda Jesus e Seus discípulos no Jardim do Getsêmane, Judas, um dos 12, veio com uma grande multidão, incluindo sacerdotes, escribas e anciãos, para O levarem como prisioneiro. Foi levado e julgado de tribunal em tribunal, mas nenhuma evidência palpável foi aduzida pelos Seus acusadores para provar que Ele fosse culpado. «Então Pilatos, querendo satisfazer a multidão, soltou-lhes Barrabás, e, açoitado Jesus, O entregou para que fosse crucificado» (Marc. 15:15). E a turba O levou para o lugar da execução.

«A cruz preparada para Barrabás foi-Lhe deposta nos feridos, sangrentos ombros [de Jesus]. ... A multidão que seguia o Salvador viu Seus fracos, vacilantes passos, mas não manifestou compaixão. Apuparam-n'O e injuriaram-n'O por não poder conduzir a pesada cruz». — *Ibid.*, pág. 553. «E, quando chegaram ao lugar chamado a Caveira, ali O crucificaram» (Luc. 23:33). «O Salvador não murmurou uma queixa. O rosto permaneceu-Lhe calmo e sereno, mas grandes gotas de suor borbulhavam-Lhe na fronte. Nenhuma mão

pedosa a enxugar-Lhe do rosto o suor da da morte, nem palavras de simpatia e inabalável fidelidade para Lhe confortar o coração humano. Enquanto os soldados executavam a terrível obra, Jesus orava pelos inimigos: 'Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem'. — *Ibid.*, pág. 555.

«Assim que Jesus foi pregado à cruz, ergueram-na homens vigorosos, sendo com grande violência atirada dentro do lugar para ela preparado. Isto produziu a mais intensa agonia ao Filho de Deus». — *Ibid.*, pág. 556. Quando Ele disse que tinha sede, «deram-Lhe a beber vinho misturado com fel; mas Ele, provando-o, não quis beber» (Mat. 27:34). «De repente, ergueu-se de sobre a cruz a sombra, e em tons claros, como de trombeta, tons que pareciam ressoar por toda a criação, bradou Jesus: 'Está consumado'. 'Pai, nas Tuas mãos entrego o Meu espírito'. Uma luz envolveu a cruz, e o rosto do Salvador brilhou com uma glória semelhante à do Sol. Pendendo então a cabeça sobre o peito, expirou». — *Ibid.*, pág. 563.

«Baixando a tomar sobre Si a humanidade, Cristo revelou um carácter exactamente oposto ao de Satanás. Desceu, porém, ainda mais baixo na escala da humilhação. 'Achado na forma de homem, humilhou-Se a Si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz'. Como o sumo sacerdote punha de parte suas sumptuosas vestes pontificais, e oficiava no vestuário de linho branco, do sacerdote comum, assim Cristo tomou a forma de servo, e ofereceu sacrifício, sendo Ele mesmo o sacerdote e a vítima. 'Ele foi ferido pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades: o castigo que nos traz a paz estava sobre Ele'. (Isa. 53:5).

«Cristo foi tratado como nós merecíamos, para que pudéssemos receber o tratamento a que Ele tinha direito. Foi condenado pelos nossos pecados, nos quais não tinha participação, para que fôssemos justificados por Sua justiça, na qual não tínhamos parte. Sofreu a morte que nos cabia, para que recebêssemos a vida que a Ele pertencia. 'Pelas Suas pisaduras fomos sarados'». — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 17. De facto, ao longo da Sua vida, nosso querido Salvador, Jesus Cristo, soube o que é ser odiado, vilipendiado e rejeitado.

«A morte de Cristo sobre a cruz tornou certa a destruição daquele que tem o poder da morte, que foi o originador do pecado. Quando Satanás for destruído, não haverá ninguém que tente para o mal; a expiação nunca mais necessitará de ser repetida; e não haverá perigo de que outra rebelião se levante no universo de Deus. ... Os homens caídos não podiam ter um lar no paraíso de Deus sem [o sacrifício de] o Cordeiro morto desde a fundação do mundo. Não devemos pois

exaltar a cruz de Cristo?» — *The SDA Bible Commentary*, comentários de Ellen G. White sobre João 3:14-17, pág. 1132. «O dom de Deus em Seu amado Filho foi a expressão de um incompreensível amor. Foi o máximo que Deus podia fazer para preservar a honra de Sua lei, e ao mesmo tempo salvar o transgressor». — *Ibid.* «Nossa única esperança reside numa plena confiança no sangue d'Aquele que pode salvar perfeitamente os que por Ele se chegam a Deus. A morte de Cristo na cruz do Calvário é a nossa única esperança neste mundo, e será o nosso tema no mundo vindouro». — *Ibid.*

«Através da cruz ficamos a saber que nosso Pai celeste nos ama com um amor infinito e eterno, e nos atrai para Si com uma anelante simpatia, maior do que a de uma mãe pelo seu filho transviado. Podemos admirar-nos de que Paulo tenha exclamado: 'Longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo?' E nosso privilégio também gloriar-nos na cruz do Calvário, é nosso privilégio dar-nos inteiramente Aquele que Se deu a Si mesmo por nós. E então com a luz do amor que brilha do Seu rosto sobre o nosso, sairemos para a reflectir sobre aqueles que se encontram em trevas». — *Ibid.*, pág. 1133.

Perguntas para discussão

1. De que dois acontecimentos era simbólica a Páscoa?
2. Que era representado pelo facto de os Israelitas removerem todo o fermento de seus lares na celebração da Páscoa? Tem isto um paralelismo na celebração cristã das ordenanças?
3. Que podemos fazer individualmente para manter vivo em nossos corações o significado da cerimónia do lava-pés?
4. Por que é o olhar para a cruz uma salvaguarda contra o pecado?

«Estamos vivendo demasiadamente perto do fim da graça para estarmos satisfeitos com uma obra superficial. A mesma graça, que até aqui considerámos suficiente, não nos manterá agora. Deve ser aumentada a nossa fé, e precisamos tornar-nos mais semelhantes a Cristo na conduta e disposição a fim de suportar e resistir com êxito às tentações de Satanás. A graça de Deus é suficiente para todo o seguidor de Cristo.»

CRISTO COMO SACERDOTE E REI

O Espírito Santo outorgado no Pentecostes era um sinal de que Jesus tinha, como sacerdote e rei, recebido toda a autoridade no céu e na terra.

Por ROGER W. COON

Na estrada para Emaús, Jesus apresentou a Cléofas e a seu anônimo companheiro o mais forte argumento de que Ele era o divino-humano Filho de Deus — o terem-se n'Ele cumprido literalmente dúzias de profecias messiânicas do Velho Testamento (Lucas 24:44).

E quarenta dias depois de ter saído do sepulcro como poderoso vencedor, cumpriu Ele ainda outra predição messiânica, feita no Salmo 68:18. Segundo Paulo: «Quando subiu ao alto, levou cativa uma hoste de cativos, e deu dons aos homens» (Efés. 4:8, N. A. S. B.).

Jesus apresentou ao Pai um grupo de fiéis seguidores cujas sepulturas foram abertas pelo terremoto que assinalou a morte de Cristo no Calvário, e a quem Ele pessoalmente chamou de novo para a vida depois da Sua própria ressurreição na manhã de Domingo (Mat. 27:52, 53). — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 620.

E Ele «deu dons aos homens» — dons espirituais, ou dons do Espírito Santo, que Paulo enumera em 1 Coríntios 12:8-10; Efésios 4:11; e Romanos 12.

Dez dias após a Sua ascensão, no termo da Sua cerimônia de investidura, Jesus derramou sobre a Sua expectante igreja a mais poderosa manifestação do poder do Espírito Santo jamais testemunhada pelo mundo. — *Actos dos Apóstolos*, pág. 38.

Paulo disse aos cristãos hebreus de seu tempo que Jesus foi feito «semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote» (Heb. 2:17). E um dos primeiros actos de Cristo após a Sua ascensão foi outorgar aos Seus seguidores (que tinham feito a necessária preparação) o Espírito Santo em Sua plenitude — «em sinal de que Ele, como Sacerdote e Rei, recebera todo o poder no Céu e na Terra, tornando-Se o Ungido sobre o Seu povo». — *Ibid.*, pág. 39.

E qual foi o resultado do Pentecostes? Um influxo inicial para dentro da igreja de 3000

almas (Act. 2:41); e «acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos» (vers. 47, V. R. A.).

Como ocorreu este fenómeno? Que preparação privada fizeram aqueles 120 cristãos da «sala de cima» (Act. 1:13-15, Dif. Bibl.)? Ellen White (*Ibid.*, págs. 35-77) sugere pelo menos sete coisas:

1. Eles oraram fervorosamente pelos dons que Jesus tinha prometido dar-lhes para os habilitar para a tarefa que estava à sua frente.
2. Humilharam-se, genuinamente arrependidos.
3. Confessaram sua anterior falta de fé.
4. Meditaram na vida pura e santa de Cristo, repetindo entre eles as Suas verdades e promessas.
5. Decidiram expiar o fracasso passado testemunhando por meio de corajosa confissão pública, sempre que Deus lhes desse oportunidade.
6. Puseram de lado todas as dissensões pessoais entre eles, e todo o desejo de supremacia.
7. Uniram-se em íntimo companheirismo cristão.

E o Pentecostes abalou o mundo! É particularmente instrutivo notar os resultados do Pentecostes, primeiro na experiência dos próprios crentes cristãos:

1. *Foi concedido o dom das línguas.* Os apóstolos foram sobrenaturalmente dotados com a habilidade para falar correctamente, tanto nas palavras como no sotaque, as línguas contemporâneas com que antes não estavam familiarizados. — *Ibid.*, págs. 39, 40; *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 611.

2. *Foi dada uma iluminação especial do Espírito Santo.* Suas mentes ficaram agora habilitadas para compreender as passagens das Escrituras que antes não lhes eram claras. — *Actos dos Apóstolos*, págs. 44-46.

3. *Falaram com ousadia e poder.* O argumento só por si, embora claro e convincente, era insuficiente para vencer os preconceitos que existiam; mas, ajudados pelo Espírito, as suas palavras eram como agudos dardos vindos da parte de Deus. — *Ibid.*, pág. 45.

4. *Foi-lhes dado um amor mais profundo.* «Seus corações estavam sobrecarregados com benevolência ... ampla, ... profunda, ... de vasto alcance». — *Ibid.*, pág. 46.

5. *Ficaram cheios de santo zelo.* «O Espírito animava-os, e falava por intermédio deles». — *Ibid.*

6. *Seus rostos irradiavam a paz e o amor de Cristo.* «Seu próprio semblante evidenciava a entrega que haviam feito». — *Ibid.*

7. *Criou-se na igreja uma nova fraternidade.* «Cada cristão via em seu irmão uma revelação do amor e benevolência divinos». — *Ibid.*, pág. 48.

8. *Via-se uma singeleza de propósito.* «Só um interesse prevalecia; um elemento de emulação absorveu todos os outros. A ambição dos crentes era revelar a semelhança do carácter de Cristo, bem como trabalhar pelo desenvolvimento do Seu reino». — *Ibid.*

9. *O povo de Deus foi fortalecido.* Cumpriu-se a profecia de Zacarias 12:8: o fraco tornou-se como David, e a casa de David como o anjo do Senhor. — *Ibid.*

A mensageira do Senhor passa então a mencionar os resultados externos no mundo e nas vidas daqueles que ouviram os apóstolos:

1. *Começou um grande movimento missionário.* O evangelho foi levado «até às mais longínquas partes do mundo habitado». — *Ibid.*

2. *Foi ouvida poderosa pregação.* «Os corações entregavam-se ao poder desta mensagem». — *Ibid.*

3. *Viu-se um grande número de pessoas entrando para a igreja.* Acorriam para a igreja conversos literalmente «de todas as direcções». — *Ibid.*

4. *Apóstatas eram recuperados.* «Extraviados converteram-se de novo». — *Ibid.*

5. *Desenvolveu-se unidade em Jesus.* «Pecadores uniram-se aos crentes em busca da Pérola de grande preço». — *Ibid.*

6. *Inimigos tornaram-se defensores.* Alguns, como Saulo de Tarso, que antes eram contados entre os mais acérrimos inimigos da igreja, converteram-se e tornaram-se seus campeões. — *Ibid.*

O Pentecostes, declarou Pedro, foi um cumprimento da profecia de Joel 2:28-32 (ver Actos 2:16-21); mas não foi um cumprimento completo, pois não há registo de que nessa altura se tenham cumprido os sinais nos céus mencionados por Joel.

Cristãos informados buscam hoje um Segundo Pentecostes, uma concessão especial de graça espiritual em extraordinária medida no termo da história desta terra. O seu propósito é preparar o «grão» para a «colheita» final.

Dado o facto de que a chuva temporã e a chuva serôdia são discutidas sob dois pontos de vista diferentes nos escritos inspirados,

alguns cristãos têm-se tornado confusos quanto a este importantíssimo assunto.

Sob o ponto de vista *histórico* a chuva temporã teve lugar no Pentecostes, e a chuva serôdia terá lugar perto do fim da história desta terra. Sob este ponto de vista teria sido fisicamente impossível o mesmo indivíduo experimentar ambas, pois estão separadas por perto de dois milénios.

Mas sob o ponto de vista *experencial*, cada cristão salvo não só *pode* mas *deve* experimentar tanto a chuva temporã como a chuva serôdia.

Sob este ponto de vista, a chuva temporã representa a obra da conversão, a germinação da semente espiritual, o dar o primeiro passo no crescimento, e o prosseguir nele desde um estágio até ao seguinte.

Depois, quando se aproxima a colheita, a chuva serôdia prepara o grão para a foice, completa a obra da graça no coração, aperfeiçoa a imagem moral de Deus no carácter, e o cristão torna-se assim *completamente* transformado neste impulso final para o *pleno* amadurecimento ou maturação.

A fim de receber a experiência da chuva serôdia, o cristão deve preencher quatro condições: Em primeiro lugar, deve já ter recebido a experiência da chuva temporã e estar prosseguindo nela. Em segundo lugar, não deve esperar em ociosidade, mas estar trabalhando activamente, diariamente, por Cristo, aqui e agora. Em terceiro lugar, deve pedi-la especificamente com fé em oração, «no tempo da chuva serôdia» (Zac. 10:1). — *Ibid.*, págs. 55, 56. E, em quarto lugar, deve aguardar numa atitude de expectativa.

Há pelo menos cinco razões pelas quais se torna hoje necessária na igreja de Deus a experiência da chuva serôdia:

1. *Para dar ousadia em testemunhar.* Apocalipse 18:1-4 descreve um «forte clamor» dirigido a toda a humanidade no fim do tempo, advertindo os homens acerca do seu destino no caso de permanecerem em «Babilónia». Pode pensar-se na chuva serôdia como sendo a causa, e no forte clamor como sendo o efeito. Ele vem «para dar poder à grande voz do terceiro anjo». — *Primeiros Escritos*, pág. 86.

2. *Para preparar para a Ceifa.* «O amadurecimento do grão representa a terminação do trabalho da graça de Deus na alma. ... Devemos ser completamente transformados à semelhança de Cristo». — *Testemunhos para Ministros*, pág. 506.

3. *Para preservar o cristão no tempo de angústia.* «Ao aproximarem-se do período do seu último conflito, 'o tempo da angústia de Jacob', os membros do corpo de Cristo crescerão n'Ele e participarão largamente do Seu Espírito. Ao avolumar-se a terceira mensa-

gem num forte clamor, e ao ser a obra final acompanhada de grande poder e glória, o fiel povo de Deus participará dessa glória. É a chuva serôdia que os revivifica e fortalece para passarem pelo tempo de angústia. Seus rostos brilharão com a glória da luz que acompanha o terceiro anjo». — *The SDA Bible Commentary*, Comentários de Ellen G. White, sobre Apoc. 18:1, pág. 984.

4. *Para preparar o povo de Deus para subsistir durante as sete últimas pragas.* A experiência da chuva serôdia fortalecerá o povo remanescente para estar de pé durante este «tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação» (Dan. 12:1). — *O Grande Conflito*, pág. 612; *Testimonies*, vol. 1, pág. 353.

5. *Para nos preparar para a trasladação.* «Indivíduos são testados e provados durante uma certa extensão de tempo para ver se sacrificarão seus ídolos, e se atenderão ao conselho da Testemunha Verdadeira. Se não forem purificados pela obediência à verdade, e não vencerem o seu egoísmo, seu orgulho e ruins paixões, os anjos de Deus ... passam à sua obra, deixando-os com os seus maus traços não dominados, sob o controlo de anjos maus. Os que resistem em cada ponto, e passam cada teste, e vencem, seja qual for o preço, atenderam ao conselho da Testemunha Verdadeira, e serão habilitados pela chuva serôdia para a trasladação». — *Spiritual Gifts*, vol. 2, pág. 226.

O dia de hoje — Sexta-feira — é chamado na Bíblia o «dia da preparação». É-nos dado não somente para nos prepararmos para o Sábado, mas também para nos habilitar a preparar-nos para a vinda de nosso Senhor.

Estais vós activamente empenhados nessa obra de preparação? É vossa preparação diária semelhante à dos 120 que se estavam preparando para o Pentecostes?

A Semana de Oração deste ano está quase concluída. Depois de amanhã, terá passado à história. Como se encontra hoje a vossa alma? Há ainda pecados por confessar e perdoar registados contra o vosso nome nos livros do céu?

Estais resistindo ao convite do Espírito Santo para abandonar algum pecado acariciado, algum «ídolo» que possa custar para vós a eternidade? Estais postergando o cumprimento de algum dever que o Senhor está colocando sobre o vosso coração?

«Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma?, ou que dará o homem em recompensa da sua alma?» (Mat. 16:26).

Ao aproximar-nos do fim desta Semana de Oração, busquemos a mão e o poder de Cristo, nosso Sacerdote e Rei, e sejamos vencedores pela Sua graça e pela Sua força.

Perguntas para discussão

1. Por que é o cumprimento das profecias messiânicas uma das mais fortes provas de que Jesus de Nazaré foi o verdadeiro Messias?

2. Qual das coisas feitas pelos 120 discípulos na «sala de cima» ao prepararem-se para a experiência da chuva temporã (Pentecostes) seria hoje uma parte apropriada da nossa preparação para receber a experiência da chuva serôdia?

3. Qual dos resultados do Pentecostes (a) dentro da igreja e (b) no mundo pensais vós que podemos de novo testemunhar quando Deus derramar o Seu Espírito na experiência da chuva serôdia?

4. Por que sentem os cristãos que o Pentecostes não foi o cumprimento total e completo da profecia de Joel 2:28-32?

5. Quais são as pré-condições a ser preenchidas hoje pelos cristãos para que possam receber a experiência da chuva serôdia?

«A si mesmos se deram»

(Continuação da pág. 6)

O amor de Jesus deve servir-nos de exemplo em todo o tempo. Em 2 Coríntios 8:9 lemos as seguintes palavras: «Porque já sabeis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, por amor de vós se fez pobre, para que pela Sua pobreza enriquecésseis».

Nosso verdadeiro amor por Ele, a dádiva de nossos corações, de nossa vida e de nosso serviço, serão proporcionais à intensidade com que elevarmos para Ele os nossos olhares e nos tornarmos conscientes do que Ele consentiu em nosso favor.

A Irmã White escreve em *Testemunhos Selectos*, vol. 1, págs. 515, 516: «Bom seria passar cada dia uma hora de reflexão, recapitulando a vida de Jesus da manjedoura ao Calvário. Devemos tomá-la, ponto por ponto, deixando que a imaginação se apodere vividamente de cada cena, em particular das cenas finais de Sua vida terrestre. Contemplando assim Seus ensinamentos e sofrimentos, e o infinito sacrifício por Ele feito para redenção da raça humana, podemos revigorar nossa fé, vivificar nosso amor e imbuir-nos mais profundamente do espírito que sustinha nosso Salvador».

«Tudo quanto é nobre e generoso no homem despertará em correspondência à contemplação de Cristo crucificado».

«Anseio ver nossos ministros se demorarem mais na cruz de Cristo, o coração enternecido e subjugado pelo incomparável amor do Salvador, amor que inspirou o sacrifício imenso».

Temos nós seguido este conselho no passado? Temos conduzido a tal experiência o rebanho que nos foi confiado? Tomo a liberdade de vos convidar, prezados irmãos e irmãs e prezados colaboradores, a orar a Deus para que abençoe abundantemente esta Semana de Oração, a prepará-la de tal maneira que o plano e o desígnio de Deus se realizem plenamente no Seu povo, a fim de que de igual modo se possa dizer hoje de Seus filhos: «A si mesmos se deram primeiramente ao Senhor».

Unido cordialmente a vós na oração e na fé, fico

Vosso irmão no Senhor

EDWIN LUDESCHER

Presidente da Divisão Euro-Africana

NOSSO SUMO SACERDOTE VOLTA À TERRA COMO REI

A segunda vinda de Cristo é tão importante para o cumprimento do plano de Deus como o foi a primeira.

Por NEAL C. WILSON

Os judeo-cristãos na primitiva igreja tinham um respeito reverente pelo templo e seus serviços. Em alguns casos este respeito era tão exagerado que tinham dificuldade em compreender como a obra de Jesus e o papel do Cristianismo estavam relacionados com os antigos serviços. A epístola aos Hebreus foi escrita aos judeo-cristãos para explicar esta relação e para assinalar a posição superior de Jesus e o facto de que os Seus ensinamentos são superiores a todas as filosofias humanas e a todos os sistemas religiosos.

Uma passagem em Hebreus é particularmente significativa. Vincula inseparavelmente a obra mediadora de Cristo na cruz e as Suas actividades de Sumo Sacerdote no santuário com a Sua segunda vinda. Diz assim: «De sorte que era bem necessário que as figuras das coisas que estão no céu assim se purificassem; mas as próprias coisas celestiais com sacrifícios melhores do que estes. Porque Cristo não entrou num santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para agora comparecer por nós perante a face de Deus; nem também para a Si mesmo Se oferecer muitas vezes, como o sumo sacerdote cada ano entra no santuário com sangue alheio; doutra maneira, necessário Lhe fora padecer muitas vezes desde a fundação do mundo; mas agora na consumação dos séculos uma vez Se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrificio de Si mesmo. E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez vindo depois disso o juízo, assim também Cristo, oferecendo-Se uma vez para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que O esperam para salvação» (Hebreus 9:23-28).

Hoje não necessitamos de apresentar provas de que o sacrificio de Jesus é superior aos sacrificios terrestres. Todos nós o cremos. O que necessitamos de aprender desta passagem é o que ela nos diz acerca da obra

de Jesus em favor de nós, pobres pecadores. Notai que esta passagem se refere a três aparições de Jesus: primeiro, na presença de Deus (vers. 24); segundo, neste mundo «para aniquilar o pecado» (vers. 26); e terceiro, «segunda vez», isto é, a Segunda Vinda nas nuvens do céu (vers. 28).

O escritor começa com a obra de Jesus agora no céu, em seguida refere-se à Sua obra no passado sobre a terra e, finalmente, à Sua obra no futuro. Nesta sequência vamos brevemente recordar a actividade de Jesus em nosso favor.

Na presença de Deus

Durante a Semana de Oração temos estado a estudar a obra de Cristo como sumo sacerdote na presença de Deus. Este serviço realiza Ele «em nosso favor» (vers. 24). Estamos em constante necessidade deste ministério. «Todo aquele que rompe com a escravidão e serviço de Satanás e se coloca sob o estandarte tingido de sangue do Príncipe Emanuel é protegido pelas intercessões de Cristo. Cristo, como nosso Mediador, à direita do Pai, tem-nos sempre em vista, porque é tão necessário que Ele nos guarde pelas Suas intercessões como que Ele nos redima pelo Seu sangue. Se Ele nos abandonasse por um momento, Satanás estaria pronto para nos destruir. Aqueles que foram comprados pelo Seu sangue guarda Ele agora pela Sua intercessão». — *The SDA Bible Commentary*, Comentários de Ellen G. White, sobre Rom. 8:34, pág. 1078.

Há três preciosos benefícios espirituais que podemos reclamar graças à intercessão de Cristo: primeiro, o perdão dos pecados; segundo, a ministração do Espírito Santo; e terceiro, a restrição do mal no mundo. É pelo estudo do santuário e seus serviços que mais plenamente compreendo a magnitude do plano do céu em meu favor. Diz-me que pela morte, ressurreição e intercessão de Jesus os meus pecados são perdoados e tenho paz com o Pai. Foi feita expiação e eu recebi o dom da justiça imputada. Pelo meu Salvador sou declarado justo perante o universo. Tudo isto é efectuado unicamente por Cristo e para isto não posso dar qualquer

Neal C. Wilson é presidente da Conferência Geral.

espécie de contributo. Tudo quanto posso fazer para minha própria justificação é aceitar. Uma pessoa justificada está na presença de um Deus santo e aborrecedor do pecado como se nunca tivesse pecado. Louvado seja o Seu santo nome!

Ao ser assim colocado numa posição correcta em relação com o meu Senhor, tenho também a certeza e a esperança de que pelo novo nascimento posso crescer dia a dia em Sua semelhança. Por Cristo, posso receber o poder do Espírito Santo «para vencer toda a tendência hereditária e cultivada para o mal». — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 501. Minha única cobertura é o Seu manto de justiça, mas pela Sua intercessão e pelo ministério do Espírito Santo posso pela fé experimentar o processo vitalício da santificação, e receber a promessa da justiça comunicada. Enquanto estou aguardando e preparando-me em vista da glorificação, meu Senhor está também restringindo os esforços de Satanás e de todas as suas forças más para destruir a terra por desastres naturais, guerras, ódios, doenças e vis excessos imorais.

«O tempo em que vivemos é um tempo de intensa excitação. Ambição e guerra, prazer e amor ao dinheiro, absorvem as mentes dos homens. Satanás vê que o seu tempo é curto, e pôs todos os seus agentes em acção, a fim de que os homens possam ser enganados, iludidos, ocupados e fascinados até que termine o tempo de prova e a porta da graça se feche para sempre». — *Testimonies*, vol. 6, pág. 31.

Quão grato estou pelo facto de que Jesus manda Seus anjos para protegerem Seus confiantes servos dos desígnios de homens e anjos maus que buscam infligir dano físico. Ele livra os Seus santos das tentações que seriam demasiado fortes para ser suportadas ou resistidas.

Esta intercessão de Jesus nosso Sumo Sacerdote não é um esforço de Sua parte para levar um Deus relutante a ser misericordioso para com Seus filhos, mas uma reclamação do que é Seu direito providenciar em favor do Seu povo. Escreveu Ellen White: «E agora o Príncipe de nossa salvação não intercede por nós como mero peticionário, mas como um Conquistador que reclama a vitória». — *Parábolas de Jesus*, pág. 156.

Esta vitória foi ganha no Calvário. Esta é a fonte donde vêm as respostas às nossas orações. «Cristo lutou em fervorosa oração; ofereceu as Suas súplicas ao Pai com forte clamor e lágrimas em favor daqueles por cuja salvação Ele tinha deixado o céu e veio a esta terra. Quão conveniente, pois, sim, quão essencial que os homens orem e não desfaçam! Quão importante que perseverem em oração, pedindo o auxílio que só de Cristo

nosso Senhor pode vir! Se encontrardes voz e tempo para orar, Deus encontrará tempo e voz para responder». — *Review and Herald*, 1 de Abril de 1890.

Para aniquilar o pecado

É para o Calvário que o autor dirige a nossa atenção no versículo 26. Cristo apareceu neste mundo a primeira vez para «aniquilar o pecado». Jesus aniquila o pecado da pessoa que tem fé n'Ele; Ele veio para salvar o Seu povo dos seus pecados. «Cristo foi tratado como nós merecíamos, para que pudéssemos receber o tratamento a que Ele tinha direito. Foi condenado pelos nossos pecados, nos quais não tinha participação, para que fôssemos justificados por Sua justiça, na qual não tínhamos parte. Sofreu a morte que nos cabia, para que recebêssemos a vida que a Ele pertencia. 'Pelas Suas pisaduras fomos sarados'». — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 17.

Notai que foi um sacrifício de Si mesmo (vers. 26) — um sacrifício voluntário. O desenvolvimento desta verdade seria um estudo compensador que revelaria impressionantemente que este acto é uma das mais convincentes provas do Seu amor para conosco. Foi também um sacrifício feito uma vez por todas. Não mais necessitará de ser repetido. É um sacrifício plenamente suficiente para todas as emergências e para todas as situações que, como resultado do pecado, possam surgir. É o meio pelo qual a lealdade a Deus é estabelecida por toda a eternidade.

Todavia, se Cristo há-de pôr um termo final ao pecado, Ele tem de trasladar-Se, para além da cruz, até ao santuário celeste e, para além do santuário, até à recolha final dos santos que são salvos por Seu intermédio.

O versículo 28 indica que o propósito deste aparecimento não é para tratar com o pecado, mas para trazer salvação e libertação final ao Seu povo. Ele já os tinha salvo, mas neste glorioso e indescritível acontecimento tudo o que tinha sido «de fé» transformar-se-á em realidade. Este é o único exemplo na Bíblia em que a palavra «segunda» é empregada em relação com a vinda de Jesus à terra.

O povo a quem Jesus vem para salvação têm sido Seus súbditos espirituais. Creram n'Ele e Ele os salvou. Fizeram-n'O Senhor em suas vidas. Agora, como Senhor e Rei, Ele aceita-os como súbditos do Seu glorioso reino. Entretanto, o reino de Satanás está em derrocada, para receber em breve o seu juízo final.

A fim de estarmos preparados para encontrar Jesus quando Ele vier segunda vez, devemos crer que Ele apareceu «para aniquilar o pecado pelo sacrifício de Si mesmo» e deve-

mos crer que Ele agora comparece «na presença de Deus em nosso favor». Noutros termos, só Jesus e a Sua graça salvadora nos pode fazer súbditos do Seu reino.

Aguardais hoje «ardentemente» a Segunda Vinda de Jesus? Que fazem as pessoas que estão «ardentemente aguardando»? Quais são as evidências desse ardor? É o testemunho pessoal e o trabalho em favor das almas uma dessas evidências? Lemos: «Todo o cristão tem o privilégio, não só de esperar a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, como também de apressá-la». — *Parábolas de Jesus*, pág. 69. É nosso privilégio dar testemunho pela vida e pela voz das grandes coisas que Jesus por nós tem feito. Esta é a hora mais excitante da história da terra. É o tempo da ceifa, e não devemos falhar nem decepcionar o nosso Mestre. «Vigiar e trabalhar precisam andar juntos; a fé e as obras precisam estar unidas». — *Mensagens Escolhidas*, Livro I, pág. 139.

Alguns têm visto na ideia expressa no versículo 28, de que Jesus aparecerá ao povo que O aguarda, uma analogia com o que se passava quando o sumo sacerdote aparecia à congregação ansiosamente expectante ao sair do lugar santíssimo no Dia da Expição. Este teria sido um momento dramático no serviço do antigo santuário. Enquanto o sumo sacerdote estava no lugar santíssimo com o sangue do bode do Senhor, a congregação aguardava que ele regressasse com vida da presença de Deus. Da mesma maneira o povo de Cristo é descrito no versículo 28 como ansiosamente aguardando o regresso de seu Sumo Sacerdote, Jesus, do santuário celeste. Ellen White apoia esta analogia: «Como o sumo sacerdote, depois de realizar esse serviço no santo dos santos, deixava este lugar e se apresentava ante a expectante multidão, em suas roupas pontificais, assim Cristo virá a segunda vez, trajando as mais brancas vestes. ... Ele virá em Sua própria glória, e na glória de Seu Pai, e toda a hoste angélica O escoltará em Seu caminho». — *Actos dos Apóstolos*, pág. 33.

Que emocionante cena! Jesus, chefe da igreja, vem ao encontro de toda a Sua congregação mundial! Sua mediação terminou. Seu sacerdócio está no passado. Ele apresenta-Se perante o Seu povo como um rei para libertar os Seus súbditos de um mundo que procura exterminá-los. Para este momento orou Ele: «Pai, aqueles que Me deste quero que, onde Eu estiver, também eles estejam comigo, para que vejam a Minha glória que Me deste; porque Tu Me hás amado antes da fundação do mundo» (João 17:24).

«Mais de dezoito séculos se passaram desde que o Salvador deu a promessa da Sua vinda. Através dos séculos as Suas palavras têm enchido de coragem os corações de Seus fiéis. A promessa não se cumpriu ainda; a voz do

Doador da vida ainda não chamou das suas sepulturas os santos que nelas dormem; mas nem por isso é menos segura a palavra que foi falada. No Seu próprio tempo Deus cumprirá a Sua palavra. Irá alguém cansar-se agora? Perderemos a nossa fé quando estamos tão perto do mundo eterno? Dirá alguém: A cidade está demasiado longe? — Não, não.

«Um pouco mais, e veremos o Rei em Sua formosura. Um pouco mais, e Ele limpará todas as lágrimas de nossos olhos. Um pouco mais, e Ele nos apresentará 'irrepreensíveis, com alegria, perante a Sua glória'.

«Todo o céu está excitado, empenhado em preparar-se para o dia da vingança de Deus, para o dia da libertação de Sião. O tempo de tardança está quase terminado. Os peregrinos e estrangeiros que por tanto tempo têm buscado uma pátria melhor estão quase no lar. Eu sinto como a necessidade de clamar bem alto: Rumo ao lar! Rapidamente nos aproximamos do tempo em que Cristo virá para reunir a Si os Seus remidos». — *Review and Herald*, 11 de Novembro de 1913.

Estamos quase no lar! A promessa é segura! Estais preparados e ansiosamente aguardando a vinda do Rei dos reis e Senhor dos senhores? Apenas vós e Jesus podem responder a esta solene pergunta.

Perguntas para discussão

1. Como podemos relacionar a necessidade de um Mediador com o conceito de que Deus é um Pai amoroso?
2. Por que é conveniente que os cristãos compreendam hoje os serviços do santuário do Antigo Testamento?
3. De que maneira apontava o simbolismo do santuário para a segunda vinda de Cristo?
4. Quão importante é a segunda vinda de Cristo no cumprimento do plano da salvação?
5. Quais são alguns dos sinais da breve vinda de nosso Rei?
6. Como se ocupará o cristão enquanto aguarda a vinda do Senhor?

«Necessitais de vigiar, para que as absorventes actividades da vida não vos levem a negligenciar a oração quando mais careceis da força que a oração daria. A piedade está em perigo de ser expulsa da alma pela demasiada dedicação à actividade.»

«É um grande mal defraudar a alma da força e da sabedoria celestes que estão aguardando o vosso pedido. Necessitais da iluminação que só Deus pode dar. Ninguém está apto para fazer o seu trabalho a não ser que tenha essa sabedoria.»

Testimonies for the Church, vol. 5, pág. 560

«AVENTURA DE FÉ» 1980

Por ocasião da Conferência Geral que terá lugar em Abril de 1980 está previsto que de novo se levantem ofertas a nível mundial designadas por «Aventura de Fé». As datas escolhidas para este efeito são as seguintes:

Sábado, 26 de Janeiro de 1980, e Sábado, 12 de Abril de 1980.

Não se trata de recolher, por meio destas colectas, o dinheiro necessário para cobrir as despesas ocasionadas pela sessão da Conferência Geral. O produto das ofertas «Aventura de Fé» deve servir exclusivamente à evangelização, e voltará, em grande parte, ao campo em que os fundos foram recolhidos para que este tenha assim a possibilidade de estabelecer planos de evangelização.

Por estas ofertas, somos todos chamados, ao participar na «Aventura de Fé», a considerar seriamente o grande mandato que Deus nos confia de anunciar a toda a terra a boa nova do reino vindouro e da próxima vinda de Jesus Cristo.

A Conferência Geral recomenda-nos que nós fixemos pessoalmente um alvo mínimo ou outro alvo que se torne para nós mesmos uma aventura de fé. O alvo mínimo deveria representar um dízimo das nossas receitas de uma semana; e o de fé, todas as receitas de uma semana. Queremos decidir por nós mesmos entre estas duas alternativas e preparar-nos assim para as duas colectas.

Em 1975, as ofertas «Aventura de Fé» totalizaram a nível mundial cerca de 200 000 000\$00, dos quais cerca de 13 000 000\$00 foram atribuídos à Divisão Euro-Africana.

Existem relatórios precisos quanto à utilização destes fundos: evangelização de grandes cidades e primeiros esforços de evangelização em numerosas cidades e distritos, criação de salões de convívio com objectivos missionários, publicação de folhetos, cursos bíblicos e compra de Bíblias.

Já se esboçam novos planos de evangelização para 1980/81, real «aventura», fundada na esperança de que todos apoiaremos o alvo proposto. Desde já, vos agradecemos pela vossa alegre participação nestas ofertas.

E. AMELUNG
Tesoureiro da Divisão Euro-Africana